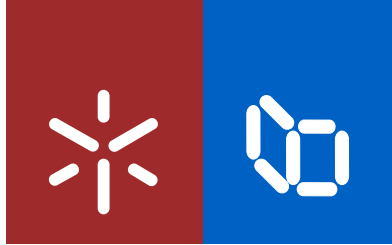


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Belina Maria Macedo da Conceição

**Relatório de Atividade Profissional
SITALK – Intercâmbio de Língua e
Cultura / Language and Culture Exchange**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Belina Maria Macedo da Conceição

**Relatório de Atividade Profissional
SITALK – Intercâmbio de Língua e
Cultura / Language and Culture Exchange**

Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesas

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Joanne Paisana

Declaração

Nome: Belina Maria Macedo da Conceição

Endereço eletrónico: belinaconceicao@gmail.com

Número do cartão de cidadão: 11020861

Título do Relatório de Atividade Profissional

SITALK – Intercâmbio de Língua e Cultura / Language and Culture Exchange

Orientador: Doutora Joanne Paisana

Ano de Conclusão: 2016

Designação dos Mestrado: Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesas

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/ ____/ _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Não posso deixar de expressar a minha gratidão a todos os que me acompanharam ao longo deste percurso.

À minha orientadora, a *Doutora Joanne Paisana*, com quem pude sempre contar para a concretização deste projeto e realização deste relatório, estando sempre disponível, orientando--me sempre no caminho certo para que pudesse realizar este trabalho com sucesso.

À *Doutora Soraia Gonçalves*, por ter permitido e auxiliado na divulgação e implementação do projeto no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

À *Dra. Maria José Vieira*, por ter divulgado o projeto aos alunos Erasmus da Universidade do Minho, tornando assim possível que o mesmo fosse posto em prática.

Ao meu sobrinho *Luís*, responsável pela bela imagem do projeto, que com empenho e carinho a criou.

A *todos os participantes* do projeto, pois sem eles teria sido impossível de concretizá-lo e avaliá-lo.

Aos meus pais, *Júlia e Armindo*, que sempre me apoiaram e me incentivaram para a concretização deste projeto e pela dedicação às minhas filhas tornando possível toda esta caminhada.

Ao meu marido, *Jorge*, pelo seu apoio, paciência e compreensão, por ter estado sempre ao meu lado durante este percurso e pelas palavras de incentivo quando delas precisei.

Por fim, mas não menos importante, às minhas filhas, *Leonor e Clara*, que nunca deixaram de demonstrar o amor e carinho que sentem, minimizando, assim, o sentimento de culpa pelo tempo que não lhes pude dedicar.

A todos os meu MUITO OBRIGADA!

Resumo

O conhecimento de línguas estrangeiras, bem como das culturas doutros povos, nomeadamente dos povos pertencentes à União Europeia (UE), é desde há muito tempo vista como essencial. De facto, a própria Comissão Europeia, no *Livro Branco sobre a Educação e a Formação*, publicado em 1995, reconhece ser necessário, ou até mesmo essencial, que todos os cidadãos na UE saibam pelo menos duas línguas estrangeiras. Também o Conselho da Europa, em 2001, lança o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR), que tem como objetivo a “harmonização do ensino e da aprendizagem das línguas vivas na grande Europa.”¹

Um dos meios que os alunos podem utilizar para aprender ou melhorar uma nova língua e cultura é a metodologia de aprendizagem em tandem, que fomenta o contacto entre falantes de línguas maternas diferentes, tornando possível a aprendizagem além-fronteiras, dando também oportunidade de aprender a língua autêntica diretamente do falante nativo. (Wolff, 2002)

Aprender uma segunda língua implica não só entrar em contacto com novas regras gramaticais e novo vocabulário, mas também com a cultura do povo dessa língua. De acordo com William Ramos e Maria Barbosa (2009), o que distingue o ensino convencional de uma segunda língua na sala de aula do processo de aprendizagem tandem é o facto de os participantes poderem, de certo modo, vivenciar a cultura do outro. Devemos também referir que, vivendo numa era em que as novas tecnologias sofreram grandes desenvolvimentos nos últimos anos, a comunicação entre falantes de países diferentes fica por si só mais facilitado.

Com este trabalho pretendo experimentar o processo de aprendizagem em tandem com a comunidade académica do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, em Barcelos, local onde trabalho atualmente de modo a verificar se de facto os participantes, utilizando esta metodologia, sentiram e tiveram ou não evolução significativa das suas competências orais e culturais.

Palavras-chave

Língua materna, língua estrangeira; comunicação autêntica; falante nativo/fluyente

¹ Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Porto: Edições Asa.

Abstract

Knowing foreign languages, as well as the cultures of other countries, namely of those belonging to the European Union (EU), has been seen as essential for a long time. In fact, the European Commission, with the *White book about Education and Training*, published in 1995, recognises that it is necessary, or even essential, that every citizen in the EU should know at least two foreign languages. The Council of Europe, in 2001, published the *Common European Framework of Reference for Languages*, whose goal is to “harmonize the teaching and learning of modern languages in great Europe.”²

One of the means which may be used by students to learn or improve a new language and culture is the learning in tandem methodology, which fosters the contact between native speakers of different languages, making it possible to learn beyond borders, giving the learner the opportunity to also learn the authentic language directly from the native speaker. (Wolff, 2002)

Learning a second language implies not only getting in touch with new grammar rules and vocabulary, but also with the culture of the native people of the target language. According to William Ramos and Maria Barbosa (2009), the distinction factor between the conventional language teaching in a classroom and the learning process in tandem is that participants have the chance, in a way, to experience the other’s culture. We should also say that living in an era in which new technologies have suffered great improvements for the last few years, the communication between speakers of different countries is now easier.

This project is an experiment with the learning in tandem methodology using the academic community of Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, in Barcelos, where I am working at present. The aim was to ascertain if the participants who used this methodology had a meaningful evolution of their speaking and cultural skills or not.

Key Words

Native language, foreign language; authentic communication; native/fluent speaker

² Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Porto: Edições Asa. – my translation.

Índice

Índice de Figuras.....	xi
Índice de Anexos	xiii
Introdução.....	1
Parte 1.....	5
1.1- Aprendizagem de Línguas Estrangeiras	5
Parte 2.....	13
2.1 – Aprendizagem de Línguas e Cultura em Tandem	13
2.1.1 – Princípio da Reciprocidade	16
2.1.2 – Princípio da Autonomia	19
2.1.3 – Benefícios e Possíveis Dificuldades	22
Parte 3.....	30
3.1 – ESTUDO de CASO: <i>SITALK – Language and Culture Exchange</i>	30
3.1.1 – Preparação do Projeto	31
3.1.2 – Divulgação do Projeto	34
3.1.3 – Desenvolvimento / Avaliação do Projeto	36
Conclusão	44
Bibliografia.....	49
Webgrafia	54
Anexos.....	56

Índice de Figuras

Fig. 1 – Meio preferido pelos inscritos para a realização dos encontros	36
Fig. 2 – Quantidade de encontros realizados.....	38
Fig. 3 – Meio utilizado para realização dos encontros.....	39
Fig. 4 – Número de horas por semana dedicadas aos encontros	39
Fig. 5 – Recomendação do projeto a amigos.....	41

Índice de Anexos

Anexo 1 – Imagem do projeto	57
Anexo 2 – Formulário de inscrição.....	58
Anexo 3 – Imagens do <i>site</i>	65
Anexo 4 – Diário de Conversação	68
Anexo 5 – Texto de email de divulgação do projeto	69
Anexo 6 – Texto de email geral de boas vindas aos pares.....	71
Anexo 7 – Texto de email enviado a cada par separadamente.....	72
Anexo 8 – Texto de email enviado aos pares com o Diário d Conversação	73
Anexo 9 - Texto de email enviado aos pares lembrando o envio do Diário de Conversação	74
Anexo 10 - Texto de 2º email enviado aos pares lembrando o envio do Diário de Conversação	75
Anexo 11 - Texto de emails enviado aos pares lembrando a importância de darem <i>feedback</i>	76
Anexo 12 – Questionário enviado aos participantes para avaliação do projeto	77
Anexo 13 - Texto de email lembrando o questionário.....	79

Introdução

*The limits of my language mean
the limits of my world.
(Ludwig Wittgenstein)³*

“Em diferentes civilizações, constatamos que o homem sempre necessitou aprender outro idioma, seja para a realização de atividades comerciais, seja para a realização de atividades políticas, dentre outras”, afirmam Socorro Sousa e Maria Soares (2012: 87).

De facto, a questão da aprendizagem de línguas estrangeiras não é nova e, nos nossos dias, torna-se ainda uma questão de maior relevo. É importante aprender pelo menos uma língua estrangeira? Que razões podemos apontar para essa importância? Para que é que necessitamos de aprender uma língua estrangeira?

Vivemos numa era em que o mundo está cada vez mais acessível a todos, cada vez mais global. Vivemos num mundo em que os avanços tecnológicos são imensos e muito rápidos... há cada vez mais competitividade e para que possamos estar à altura, aprender uma língua estrangeira passa a ser mais do que uma necessidade, passa a ser uma obrigatoriedade:

Parece óbvio, mas é verdade: vivemos numa sociedade global marcada pela competitividade e pela excelência, sob grande influência das rápidas transformações da era digital. Os avanços científicos e tecnológicos têm ditado novas demandas para o mercado de trabalho. Para acesso mais igualitário a essa sociedade da informação, a aprendizagem de uma língua estrangeira passa a ser fundamental. (Jalil, 2008)

Além disso, a aprendizagem de uma língua estrangeira “abre caminhos para quem a aprende e traz inúmeros benefícios, que vão além da habilidade de se comunicar com estrangeiros”, podendo esses benefícios abarcar áreas no “âmbito profissional, pessoal e acadêmico.” (*Ibidem*)

Neste mundo global, “o contacto e o intercâmbio entre países e culturas fazem parte do nosso quotidiano” (Zenha, 2005). Por isso, o ensino da língua não deverá estar separado do ensino da cultura, sendo que ao aprender uma e outra o indivíduo ficará com uma mente mais aberta e menos preconceituosa, já que toma consciência da existência do outro que é diferente.

³ Filósofo austríaco, naturalizado britânico (1889-1951)

Assim, o ensino da língua trará benefícios não só para o indivíduo mas para a sociedade e o mundo:

Se tivermos em conta que o ensino da cultura deve caminhar paralelamente ao da língua, a aprendizagem de uma ou várias línguas favorece o desenvolvimento de valores de abertura aos outros e de respeito pelas outras culturas e pela diferença, contribuindo para uma sociedade mais tolerante, mais humana e mais justa. (Zenha, 2005)

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve servir então para que cada um possa ter mais oportunidades de trabalho, para que cada um conheça melhor outras culturas e outras realidades e ainda para que cada um se possa mais facilmente movimentar pelo mundo e mais facilmente possa comunicar.

Podemos então perguntar: “Como se aprende uma língua estrangeira?” Para esta pergunta não há ainda consenso. Como é referido no QECR (2001: 196-197), há teóricos que acreditam que os seres humanos têm a capacidade inata de conseguir adquirir e utilizar uma língua apenas pela sua exposição à mesma. Outros há que consideram que a simples exposição à língua não é suficiente, sendo necessária uma “participação ativa na interacção comunicativa.” Entre estas duas ideias há os que acreditam que a aprendizagem de uma língua poderá ser facilitada, nomeadamente em situações de aula, “pela combinação da aprendizagem consciente e de bastante prática.” (*Ibidem*)

As aulas de língua estrangeira devem precisamente preparar os alunos para todos os aspetos mencionados anteriormente, devendo, essencialmente, ajudar os alunos a adquirirem competências comunicativas. De acordo com Sara Vicente (2014: 54), “A aula de LE tem, (...), como objetivo primeiro capacitar os alunos para a interação comunicativa na língua-alvo, quer com falantes nativos, quer com falantes não-nativos, fazendo uso, neste segundo caso, da LE como «língua franca».”

Ora, ao longo do meu percurso profissional, tenho verificado que esta capacidade comunicativa não é alcançada pela maioria dos meus alunos.⁴ Verifiquei mais ainda a falta desta competência e a vontade de a adquirirem nos Cursos Livres de Inglês, níveis B1 e B2⁵,

⁴ Alunos do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Cursos Técnicos Superiores Profissionais e Cursos Livres

⁵ Níveis Comuns de Referência estabelecidos pelo Conselho da Europa, no QECR – A1 e A2, Utilizador Elementar, B1 e B2, Utilizador Independente, C1 e C2, Utilizador Proficiente.

que tenho vindo a lecionar nos últimos três anos letivos. No entanto, verifico também que essas competências ficam um pouco aquém do pretendido, pelo facto de as turmas serem bastante grandes (cerca de 35 alunos) e também porque grande parte dos alunos não se conhecem, faltando, portanto, o à-vontade para falarem em Inglês publicamente.

É no seguimento destas dificuldades que tenho verificado, que surge o projeto *Sitalk – Intercâmbio de Língua e Cultura / Language and Culture Exchange*. Este projeto tem como base o método de aprendizagem em tandem⁶, método este que permite o contacto direto com falantes nativos de uma língua, com objetivos semelhantes em relação à língua do seu parceiro, num ambiente selecionado pelos intervenientes, *online* ou presencialmente, deixando-os mais à-vontade para comunicarem. Outra mais-valia deste método é que além de aprendermos a língua aprendemos também a cultura do país, a partir de uma comunicação autêntica, isto é, com o falante nativo da língua alvo.

Com este projeto pretende-se então experimentar o processo de aprendizagem em tandem com membros do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, em Barcelos. Para tal, foi criada uma plataforma *online* onde membros do IPCA, portugueses e estrangeiros (falantes bons de Inglês), poderiam inscrever-se para posteriormente se encontrarem (pessoalmente ou via Skype) e comunicar nas duas línguas em questão. Com base nos dados recolhidos aquando da inscrição, foram formados os pares, que teriam de enviar *feedback*, por escrito, dos seus encontros semanais, preenchendo o Diário de Conversação que lhes foi fornecido. Pretende-se, também, aferir a evolução das competências linguísticas e culturais sentida pelos participantes no projeto; e ainda avaliar a utilidade do método tandem.

Este relatório está dividido em três partes distintas: Parte 1 - Aprendizagem de Línguas Estrangeiras; Parte 2 - Aprendizagem de Línguas e Cultura em Tandem; Parte 3 - ESTUDO de CASO: *SITALK – Language and Culture Exchange*.

Na Parte 1, aborda-se a questão da aprendizagem de línguas estrangeiras. Quão importante é a sua aprendizagem? Devemos incorporar a cultura no ensino da língua estrangeira? Como podemos melhor desenvolver as competências linguísticas e culturais?

⁶ Em 1994, foi criada a fundação “Tandem Fundazioa”, adquirindo, assim, os direitos da marca Tandem, concedendo licenças para o seu uso. Há, no entanto, muitas ofertas em páginas web que oferecem este tipo de intercâmbio gratuitamente.

A Parte 2 esclarece a metodologia de aprendizagem em tandem. O que é? Como funciona? Quais os princípios necessários para o sucesso deste tipo de aprendizagem? Quais os benefícios e possíveis dificuldades inerentes a ele?

A Parte 3 relaciona-se com o projeto em si. Como surgiu a ideia? Como decorreu todo o processo de preparação e implementação do projeto? Como se desenvolveu e que avaliação foi feita?

Espero que este projeto permita abrir novas portas para a aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras, bem como da língua e cultura portuguesas. Espero ainda que ajude no desenvolvimento de novas metodologias para aquisição de competências linguísticas, culturais e comunicativas cada vez mais necessárias na nossa sociedade e no mundo.

Parte 1

1.1 Aprendizagem de Línguas Estrangeiras

*Learning another language is not
learning different words for the same thing,
but learning another way to think about things*
(Flora Lewis)⁷

Tendo em conta que vivemos num mundo cada vez mais globalizado e numa Europa com limites fronteiriços cada vez menos definidos, podemos afirmar que pertencemos não só ao nosso país, com uma vivência, uma tradição e línguas próprias, mas também à Europa, isto é, somos também Europeus:

Na construção da nova Europa... surge um novo sentimento que, em cada indivíduo e em grupo, reflecte a consciência do que é ser europeu pertencendo ao mesmo tempo a um país onde o seu lugar de origem, a família, a tradição, a língua lhe talhou o espírito e o corpo.
(Sequeira, 1993: 7)

Fátima Sequeira fala ainda de uma “consciência europeia” que não se limita apenas à abolição de fronteiras e políticas, mas de

... uma consciência de uma nova cultura baseada no conhecimento e aceitação de novas realidades sociais e culturais, partindo de um passado de complexidades e identidades múltiplas para tratar o presente e projectar o futuro. (Ibidem)

Além deste sentimento europeu, desta “consciência europeia”, é sabido que há cada vez mais ligação entre países distantes, sendo esta ligação facilitada pela evolução da ciência e das novas tecnologias:

... os avanços da ciência e da técnica com especial destaque para as comunicações, os transportes e a informática vieram facilitar um maior intercâmbio de pessoas, bens, serviços e informações, contribuindo para uma maior cooperação e para a quebra de isolamento de países periféricos e mesmo de países distantes. (Clemente, 2002: 143)

⁷ Jornalista americana (1922-2002).

Neste sentido, torna-se “indispensável o conhecimento e compreensão da língua e cultura dos outros povos” (Clemente, 2002: 144) para que possamos efetivamente compreender melhor e comunicar com o outro.

Também a Comissão Europeia acredita que o conhecimento das línguas reforça o sentimento de pertença à Europa:

As línguas são também um ponto de passagem necessário para o reconhecimento dos outros. O seu domínio contribui portanto para reforçar o sentimento de pertencer à Europa, na sua riqueza e diversidade cultural, e a compreensão entre os cidadãos europeus. (Comissão Europeia, 1995: 70)

A Comissão Europeia (*Idem*: 31-32) “considera necessário dar prioridade ao domínio de pelo menos duas línguas estrangeiras ao longo da escolaridade.” Só dominando várias línguas comunitárias, pode o cidadão europeu usufruir das possibilidades profissionais e pessoais dentro da Europa:

O domínio das várias línguas comunitárias tornou-se uma condição indispensável para permitir aos cidadãos da União [Europeia] o benefício das possibilidades profissionais e pessoais que lhes abre a realização do grande mercado interno sem fronteiras. (Idem, 70)

O conhecimento de outras línguas é também fundamental, “permite ao cidadão europeu tornar-se num cidadão multilingue e multicultural” (Clemente, 2002: 144), reconhecendo que há outras línguas e culturas além da do próprio, tornando-se menos egocêntrico e mais capaz de compreender o lugar do outro:

A aprendizagem de uma língua estrangeira coloca o indivíduo face ao outro que ele descobre por oposição à própria cultura. Isto permite-lhe compreender que as suas condutas e hábitos não são universais, que existem outros (...) Nesta perspetiva, o interesse de aprender uma língua estrangeira o mais cedo possível prende-se com a descentração ou seja a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro sem perder a nossa própria identidade. (Gregório et al., 2014: 9-10)

Não podemos, no entanto, esquecer que “para comunicar não basta aceder aos códigos linguísticos, é preciso saber a cultura do outro” (*Ibidem*). A ideia de que língua e cultura estão relacionados é também transmitida no QECR (2001: 25): “A língua não é apenas um aspecto

fundamental da cultura, mas é também um meio de acesso a manifestações culturais.” O Conselho Europeu, vai ainda mais longe quando refere que

... apenas através de um melhor conhecimento de línguas vivas europeias se conseguirá facilitar a comunicação e a interação entre Europeus de línguas maternas diferentes, por forma a promover a mobilidade, o conhecimento e a cooperação recíprocas na Europa e a eliminar os preconceitos e a discriminação. (2001: 20)

García e Crapotta (2007: 62) referem que nos últimos anos se tem dado grande importância ao ensino de língua e cultura estrangeiras, sendo que a cultura estrangeira passou a ter um papel mais central na sala de aula:

Over the last decades the relationship between language and culture has become one of the most important issues in the field of foreign language teaching and learning. The teaching of culture (...) has become a more central element on our pedagogical thinking and classroom practice.

Também Albert Raasch (Wolff, 2002: 5) refere que há uma grande ligação entre língua e cultura, quando diz que “Cultura está en Lengua, incrustada en Lengua, Lengua conserva cultura, Lengua es la memoria de Cultura.”

Podemos, assim, aferir que aprendendo uma língua tomamos consciência de que existem outras culturas, outros modos de vida que, sendo diferentes dos nossos, não são melhores nem piores, aprendemos que não somos únicos nem universais e aprendemos, acima de tudo a respeitar o outro pela sua diferença. Além disto, a circulação pelo mundo, quer seja em termos profissionais ou pessoais, fica facilitada e até ilimitada. Aprender outra língua é, de facto,

... uma experiência enriquecedora. Quando aprendemos uma segunda língua, entramos em contacto não só com novas estruturas gramaticais, vocábulos e sons, mas também com a cultura do povo falante dessa língua. (Vassalo e Telles apud Ramos e Barbosa, 2009: 183)

Sendo tão importante aprender uma ou mais línguas estrangeiras, como pode então um falante aprender outras línguas? Haverá métodos universais para uma melhor aprendizagem de uma língua? Será o ensino formal melhor que o informal? Será que todos têm a mesma capacidade para aprender línguas estrangeiras? Ou então, dependerá ou não da capacidade de cada um?

Convém, antes de mais, sublinhar que ao aprender uma língua e cultura novas o aprendiz não deixará de ser “competente na sua língua materna e na cultura que lhe está associada” (Conselho Europeu, 2001: 73). Pelo contrário, o falante tornar-se-á conhecedor das várias línguas e culturas, sendo que umas enriquecem e complementam as outras:

O aprendiz da língua torna-se plurilingue e desenvolve a sua interculturalidade. As competências linguísticas e culturais respeitantes a uma língua são alteradas pelo conhecimento de outra e contribuem para uma consciencialização, uma capacidade e uma competência de realização interculturais. Permitem, ao indivíduo, o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa, uma maior capacidade de aprendizagem linguística e também uma maior abertura a novas experiências culturais. (Ibidem)

Fátima Sequeira (1993: 9) refere que o ensino das línguas deve ser repensado “de acordo com os princípios da competência comunicativa, e da compreensão de outras culturas.” A autora refere também que as capacidades orais são as que devem ser postas em relevo, ainda que as escritas não devam ser esquecidas:

Embora a competência comunicativa abarque as capacidades orais (falar e ouvir) assim como as escritas (ler e escrever) neste conhecimento que se pretende além-fronteiras, as capacidades orais devem ser postas em relevo. Primeiro porque cada vez mais nós utilizamos para contactos pessoais o telefone, a palavra oral. Segundo, porque os intercâmbios (...), as visitas que fazemos ou as que recebemos assentam, prioritariamente, na comunicação oral. (Ibidem)

Aliás, é importante que os aprendentes tenham controlo sobre a língua estrangeira, principalmente na oralidade, para que, na prática, sejam capazes de fazer pedidos, aceitar ou recusar convites, queixar-se ou até desculpar-se em determinadas situações:

...calling attention to the importance for language learners of having some control of L2 pragmatics, especially with regard to improving their speaking skills. The ability to make a request, refuse an invitation, complain, or apologise in high-stakes L2 situations may make or break an important relationship. (Cohen, 2008: 136)

Também Pat Pattison faz referência ao valor das competências orais quando diz que estas competências são amplamente reconhecidas pela Comunidade Europeia:

The value of oral communication skills in foreign languages (FLs) for the citizens of European Community (EC) is widely recognised, and this value may be expected to increase with greater economic and political integration. (Pattinson, 1993: 37)

No entanto, tendo em conta que os atos de fala são fortemente marcados pela cultura e língua, esta será a parte mais difícil para um estrangeiro:

Os actos de fala desde os directos e convencionais aos indirectos e inconventionais são as verdadeiras marcas de uma cultura e língua próprias e são, quiçá, as mais difíceis de entender e produzir por qualquer estrangeiro. (Sequeira, 1993:9)

A metodologia tradicional e formal de aprendizagem de uma segunda língua é feita de uma forma explícita, sendo esta língua uma disciplina curricular lecionada por um professor nativo ou com fluência na língua em causa:

The traditional approach familiar to most language teachers involves the explicit teaching of the language per se. Students are introduced to the language as a school subject by a teacher who, ideally, as native or near native fluency. (d'Anglejan, 1978: 224)

Ainda de acordo com d'Anglejan (*Idem*: 225), nesta metodologia os alunos têm uma exposição muito limitada a diálogos espontâneos com falantes nativos, limitando assim, a aprendizagem da língua.

De acordo com Gerard Willems (1993: 32), ao aluno deve ser dada a possibilidade de iniciar, terminar e mediar um discurso, mas, para isso, deve haver mudanças nas metodologias tradicionais – “The learner, too, will have to be given the opportunity to open, close and regulate discourse. Traditional methodology needs to be reviewed on this score.”

Também este autor refere a importância do contacto com falantes nativos, referindo que a aprendizagem da língua estrangeira para a comunicação real deve favorecer o contacto do aprendente com a língua e cultura alvo:

If at all possible this presentation of the foreign language as a vehicle for real communication with all its intrinsic cultural overtones, should be supported by learner contact with the target language culture (pupil/student exchanges), so that exo-linguistic communication can become a reality to the learner. (Ibidem)

O contacto entre falantes nativos de línguas diferentes como sendo um dos mais antigos métodos de aprender a língua do outro, é também referida por Helmet Brammerts (1996:121) – “Two people with different native languages teaming up to learn each other’s language is certainly one of the oldest learning methods in the world.”

Do mesmo modo, Mullen *et al* (2009: 102) fazem referência ao facto de que sempre se entendeu que o contacto direto com um falante nativo de uma língua é a melhor forma de aprender essa língua, ainda que no passado, fosse muito difícil ter acesso a este tipo de comunicação.

D’Anglejan (1978: 22) refere que os alunos que frequentam o ensino formal de uma língua adquirem “razoavelmente boas competências de literacia”, mas é “na área de fluência verbal que os resultados tendem a ser desapontantes”. O autor (*Idem*: 228) também refere que os aprendentes de uma segunda língua que, em contextos informais, interagem “social ou profissionalmente com falantes nativos pelos quais são aceites, adquiriram a língua de um modo mais rápido e eficiente.”⁸

De facto, são há muito tempo reconhecidos os benefícios para a aprendizagem de uma língua quando há contacto com alguém fluente nessa língua. Aliás, não só os alunos ficam mais motivados como também melhoram as suas competências interculturais:

It has long been recognized that there are many benefits that language learners derive from engaging in language practice with someone fluent in the language they are learning. By communicating in an authentic context, learners become more motivated (...) and tend to improve their intercultural skills. (Kozar, 2015: 105)

Sabe-se que será bastante difícil, mas não impossível, promover o contacto com falantes nativos nas salas de aula. Contudo, estes contactos não têm de ser exclusivamente cara a cara nem tão pouco têm de obrigatoriamente incluir o intercâmbio de grandes grupos. Há uma série de novas tecnologias (como o email, videochamadas, etc.) ao nosso dispor que permitem o contacto entre falantes de línguas diferentes, que vivem em locais diferentes.

⁸ As citações deste parágrafo são de minha tradução.

De acordo com Willems (1993: 32), estes contactos interculturais são uma mais-valia para a aprendizagem da língua, pois são autênticos. Infelizmente, são pouco contemplados no ensino da língua estrangeira – “Os materiais de ensino de língua se feitos deste modo adquirem uma autenticidade que está a faltar na maioria dos manuais de ensino de língua estrangeira.” (minha tradução)

Também o QECR refere a importância do intercâmbio entre cidadãos de diferentes nacionalidades e fala ainda da necessidade de explorar as novas tecnologias de modo a melhorar e intensificar a aprendizagem das línguas:

... o Conselho de Ministros sublinhou “a importância política de desenvolver, nos nossos dias e no futuro, domínios de acção específicos, (...), de modo a promover o plurilinguismo num contexto pan-europeu” e chamou a atenção para a importância do desenvolvimento de mais laços educativos e de intercâmbio e da exploração do enorme potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação. (Conselho Europeu, 2001: 23)

Esta ideia de intercâmbio não é de toda uma novidade, até porque já antes do advento da Internet se fazia uma troca de cartas com falantes nativos ou fluentes na língua alvo. Contudo, este intercâmbio requeria a existência prévia de contactos com estrangeiros e não estava ao alcance da maioria dos aprendentes. Além disso, existia também uma longa espera pela carta do parceiro:

Prior to the growth of the Internet, language exchange usually involved sending letters to “pen pals”, native or fluent speakers in the target language (...). The problem historically, however, was... [that] it required existing contacts in different countries – something that an average learner may not have had. (...) [The “pen pals”] had to wait weeks or months to receive messages from one another (...). (Kozar, 2015: 105)

Este contacto é, nos nossos dias, facilitado pelo acesso geral a computadores, *tablets* ou telemóveis com ligação à Internet e com aplicações, como o Skype ou Facebook, fazendo com que seja possível comunicar (oralmente ou por escrito) dentro ou além-fronteiras a partir de casa, da escola ou até de um café:

An important aspect of the Web 2.0 phenomenon is the use of Web-embedded and integrated non-browser Internet applications to facilitate the community building and direct user participation and interaction. Social Networking Services, online noticeboards, chat rooms,

and other interactive environments enable students to engage directly with native speakers of their target languages. (...) ... tools such as Skype, GoogleTalk ... [are] likely to play an increasingly important role in (...) language learning. (Mullen et al., 2009: 101)

Não poderemos esquecer, acima de tudo, que são vários os fatores que influenciam a aprendizagem de uma segunda língua, entre os quais podemos referir “as características pessoais do aprendente, a estrutura das línguas alvo, oportunidades de interação com falantes da língua alvo e acesso à correção e à instrução focada na forma.”⁹ (Lightbrown e Spada, 1997: 116)

⁹ Minha tradução.

Parte 2

2.1 Aprendizagem de Línguas e Cultura em Tandem

*Language is the road map of a culture.
It tells you where its people come from
and where they are going.
(Rita Mae Brown)¹⁰*

Para uma troca linguística e cultural autêntica existem programas de “*language exchange*” do tipo tandem. A aprendizagem de uma língua em tandem ocorre quando há pelo menos duas pessoas, nativas de línguas diferentes, interessadas em aprender a língua e a cultura um do outro, trabalhando juntos nesse sentido.

Esta metodologia de aprendizagem é uma das formas de aprendizagem colaborativas mais difundidas nos nossos dias e foi estabelecida como um conceito pedagógico já nos finais dos anos 60:

The most widespread form of collaborative language learning in Europe today is Tandem learning. The practice of working in partnership is probably as old as foreign language learning itself, but Tandem was first established as a formal pedagogic concept in the late 1960's... (Stickler e Lewis, 2008: 237)

Claro que, o advento da Internet nos anos 90 deu uma nova amplitude a este tipo de aprendizagem, uma vez que passou a não ser obrigatória a proximidade física entre os aprendentes. Passaria a ser possível, pela primeira vez, ter um parceiro de qualquer parte do mundo, trabalhando num ambiente virtual:

It was the advent of the Internet in the early 1990's, however, which gave collaborative learning new lease of life. It was no longer necessary for pairs to be physically proximate. Time differences permitting, partners from anywhere in the world could for the first time work together in virtual space to learn each other's languages and cultures. (Idem: 238)

O processo de aprendizagem de línguas em tandem fomenta o contacto entre falantes de línguas maternas diferentes, tornando possível a aprendizagem além-fronteiras, dando também oportunidade de aprender a língua autêntica diretamente do falante nativo:

¹⁰ Escritora americana (n. 1944)

El aprendizaje de idiomas en tandems fomenta el contacto humano entre estudiantes de idiomas maternos diferentes; hace posible el aprendizaje común por encima de fronteras y distancias y supera paulatinamente fronteras y distancias, (...) fomenta el aprendizaje por el ambiente personal, íntimo de los grupos de dos o tres; crea la ocasión de aprender el lenguaje auténtico directamente del hablante nativo; a través del cambio de idioma se combina aprender y enseñar y se sustituye el desnivel tradicional enseñante / estudiante por cooperación entre iguales. (Wolff, 2002: 5-6)

Ao aprender uma língua em tandem, estamos a fazê-lo através de uma comunicação autêntica, real, promovendo o surgimento de situações que dificilmente surgem em conversações simuladas:

Aprender línguas em tandem significa aprender através de uma comunicação autêntica (...). A situação autêntica de comunicação possibilita nomeadamente que surjam elementos inerentes a esta capacidade [de comunicação] que faltam quase sempre em situações simuladas. (Brammerts, 2002: 18)

De acordo com Brammerts¹¹ (*Idem*: 17) cada participante tentará “melhorar a sua capacidade de comunicação na língua do parceiro”, procurará também “saber mais sobre a outra pessoa” e poderá ao mesmo tempo “tirar proveito de conhecimentos e experiências diversas.”

Brammerts (2002: 16) refere ainda que esta forma de aprendizagem tem sido “objecto de investigação e de implementação prática” por vários motivos, entre os quais podemos destacar o facto de que “a aprendizagem em tandem assenta em princípios simples, fáceis de seguir, mesmo por pessoas não especializadas” e ainda a ideia de que a aprendizagem em tandem “associa a aprendizagem à comunicação intercultural autêntica e, conseqüentemente, a aprendizagem de línguas à aprendizagem noutras áreas do saber.”

Aprender uma segunda língua, implica não só entrar em contacto com novas regras gramaticais e novo vocabulário, mas também com a cultura do povo dessa nova língua. De acordo com William Ramos e Maria Barbosa (2009: 183), o que distingue o ensino convencional de uma segunda língua na sala de aula do processo de aprendizagem em tandem é o facto de os participantes poderem, de certo modo, vivenciar a cultura do outro. Esta aprendizagem da cultura estrangeira, além da língua, é também referida por Helmut

¹¹ Helmut Brammerts foi o fundador do “International (E-Mail) Tandem Network”, em 1992, sendo conhecido como “pai do tandem”. Foi também um dos grandes impulsionadores e estudiosos deste processo de aprendizagem. Será portanto citado muitas vezes ao longo do relatório.

Brammerts (1996b: 14) como um dos aspetos presentes no processo de aprendizagem em tandem:

Pode igualmente definir-se como uma forma de aprendizagem aberta, mediante a qual aprendentes de diferentes línguas maternas colaboram aos pares no sentido de:

- ficarem a saber mais acerca do parceiro e respectiva cultura;*
- se entreajudarem no melhoramento dos seus conhecimentos linguísticos;*
- trocarem conhecimentos de outra natureza, por exemplo acerca das suas atividades profissionais.*

A aprendizagem em tandem caracteriza-se pelo facto de ambos os parceiros terem como objetivo o desenvolvimento ou a melhoria de competências que o outro possui: “capacidade de comunicação na língua estrangeira, a língua materna do parceiro; capacidade de se movimentarem num contexto cultural que o parceiro conhece bem; competências profissionais ou outras que o parceiro já possui.” (Brammerts e Clavert, 2002: 42-43)

Há ainda outras capacidades que os parceiros podem querer desenvolver como “capacidade para uma aprendizagem autónoma; capacidade para uma comunicação (intercultural); capacidade para uma cooperação (multilingue) (...) que determinam o sucesso do trabalho em tandem.” (*Ibidem*)

A aprendizagem em tandem tem acima de tudo a vantagem de permitir que se faça uma aprendizagem baseada na língua alvo usada de forma autêntica por um nativo, e que por ser nativo, expressa ao mesmo tempo a sua própria cultura:

...Tandem learning has the potential to make native speaker voices a central part of the language learning experience – where ‘voice’ is to be understood as a metonym both of the target language as authentically used, and of the expression of personal and cultural meanings. (O’Rourke, 2007: 42-43)

De acordo com Little (2002: 34), a aprendizagem em tandem é uma metodologia com “mais probabilidades de êxito na aprendizagem da segunda língua porque apresenta uma estreita semelhança com o processo de aquisição e utilização da primeira língua.”

Há dois princípios que essenciais para que este processo de aprendizagem seja bem sucedido. Como refere David Little (2002: 27), a “essência da aprendizagem de línguas em tandem jaz no princípio da autonomia do aprendente e no princípio da reciprocidade.” Também a este respeito, Brammerts (1996b: 15-16) refere que “A aprendizagem bem sucedida em regime tandem tem por base a dependência mútua e o apoio que cada um dos parceiros presta ao outro” e que “cada um dos parceiros tandem é responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem.”

2.1.1 Princípio da Reciprocidade

*Não há mestre que não possa ser aluno.
(Baltasar Gracián y Morales)¹²*

Tendo em conta que nesta metodologia de aprendizagem há, de certa forma, um intercâmbio de conhecimentos, tem, obrigatoriamente, de haver um sentimento de que devo fazer pelo outro para receber algo em troca. Na aprendizagem em tandem, cada parceiro deve dar para receber, deverá haver um comprometimento, uma parceria entre os pares, um trabalho em conjunto, para que os objetivos de ambos sejam alcançados:

A aprendizagem de línguas em tandem desenvolve-se no âmbito de uma parceria, contribuindo cada parceiro com as aptidões e competências que o outro pretende adquirir e apoiando-se reciprocamente. A dependência recíproca dos parceiros requer que se empenhem mutuamente, tirando cada um o aproveitamento máximo do trabalho em conjunto. (Brammerts, 2001: 17)

A relação entre parceiros tandem é diferente da de professor-aluno, pois esta “é uma relação assimétrica entre alguém que sabe de determinada matéria e alguém que não sabe” (Carecho e Strobl, 2002: 73), enquanto que na relação entre os pares tandem “ambas as pessoas envolvidas são ao mesmo tempo peritos numa das línguas em causa e aprendentes de outra.” (*Ibidem*)

Para que a aprendizagem seja bem sucedida e sendo este um trabalho em conjunto, deverá haver um esforço semelhante de ambos os participantes, o apoio deverá ser recíproco, ambos

¹² Escritor e pedagogo espanhol (1601 – 1658)

devem beneficiar dos conhecimentos a adquirir de forma equilibrada. Nenhum dos parceiros deverá sentir que dá muito e não recebe quase nada:

The Principle of Reciprocity means that both members in a tandem exchange need to invest equal effort and time, and thus benefit in a similar way. If one of the partners contributes more and receives less this exchange will certainly be short-lived. (Mullen et al, 2009: 105)

Também Brammerts (Little e Brammerts, 1996: 11) refere a importância do equilíbrio entre o trabalho de ambos os parceiros tandem, para que todo o processo tenha sucesso:

... successful learning in tandem is based on the reciprocal dependence and mutual support of the partners; both partners should contribute equally to their work together and benefit to the same extent. Learners should be prepared and able to do as much for their partner as they themselves expect from their partner.

Verifica-se portanto uma relação de “dependência mútua: o progresso de cada um está dependente da colaboração do outro, e para que tudo funcione bem é necessário um investimento equivalente de ambas as partes.” (Carecho e Strobl, 2002: 73)

Este investimento não se pode limitar apenas ao tempo dedicado a cada língua. Cada parceiro deverá mostrar o mesmo empenho e interesse na preparação das conversas e no sucesso do parceiro na produção e compreensão da língua alvo:

They should not only dedicate the same amount of time to each language: they should also invest the same amount of energy in preparation, in the interest they show in the learning success of their partner, and in their concern for their partner's success in speaking and understanding their language. (Little e Brammerts, 1996: 11)

Os objetivos e os meios para os alcançarem deverão ser negociados entre os parceiros de modo a que ambos se sintam beneficiados, sendo que se ambos tiverem um nível equivalente de proficiência na língua alvo, se forem aproximadamente da mesma idade e se tiverem interesses comuns, melhor serão os resultados obtidos.

Stickler e Lewis (2008: 239) referem que “ajuda, apesar de não ser indispensável, se ambos os pares tiverem aproximadamente o mesmo nível de proficiência na língua um do outro.”

(minha tradução) Sublinha-se então o caráter ideal mas não obrigatório do nível de proficiência na língua alvo, já que, como refere Brammerts (2002: 22):

A aprendizagem em tandem adequa-se muito bem à colaboração de parceiros com hábitos e necessidades de aprendizagem muito diversificados ou mesmo níveis diferentes à partida. Um aprendente com conhecimentos reduzidos da língua estrangeira pode muito bem ser um bom ajudante tandem, mesmo para um aprendente avançado, porque domina melhor a sua língua materna do que o parceiro.

Não quer isto dizer que, possa haver parceiros tandem que não tenham qualquer conhecimento da língua alvo. Pelo contrário, “o nível de conhecimentos da língua estrangeira dos parceiros tem de ser suficiente para permitir a comunicação entre eles” (Brammerts e Clavert, 2002: 46). Esta falta de conhecimento da língua estrangeira poderia até pôr em causa o princípio da reciprocidade, pois “quanto menos souber um aprendente, mais terá de saber o seu parceiro, visto que os conhecimentos da língua estrangeira deste último terão se assegurar, de início, a comunicação.” (*Ibidem*)

Como podemos verificar, o princípio da reciprocidade é essencial para o sucesso da aprendizagem em tandem, uma vez que, caso não exista, não irá com certeza durar muito. Este intercâmbio só faz sentido com este sentimento de mutualidade, pois cada parceiro tem, em momentos diferentes, o papel de aprendente da língua estrangeira e de perito da sua própria língua. Reciprocidade é, assim, “a força específica da aprendizagem em tandem: cada parceiro em alturas diferentes tem o papel de aprendente e de perito, estando, portanto, ambos os lados do processo de aprendizagem constantemente em foco.”¹³ (O’Rourke, 2007: 46)

Além disso, quanto mais os parceiros colaborarem, melhor desenvolverão as competências necessárias para que possam tornar-se autónomos.

¹³ Minha tradução

2.1.2 Princípio da Autonomia

*O estudante não deve aprender pensamentos,
deve aprender a pensar.
(autor desconhecido)*

É defendida pela Comissão Europeia (1995: 5) a ideia de que “cada vez mais, a posição de um indivíduo perante a sociedade será determinada pelos conhecimentos que tiver sabido adquirir.” Teremos, nesta perspectiva, uma sociedade que dará valor ao indivíduo capaz de aprender e pensar autonomamente, teremos uma sociedade “onde se ensina e aprende, onde cada um poderá construir a sua própria qualificação.” (*Ibidem*)

Havranek chama também atenção para a grande importância da autonomia na sociedade democrática, uma vez que será cada vez mais necessário que cada indivíduo trabalhe em diferentes áreas e faça diferentes serviços, tendo que aprender sempre ao longo da vida:

This capacity [autonomy] is an essential quality of any citizen in a democratic society and must therefore be the aim of all education. The necessity of autonomous learner is further emphasized by the fact that graduates cannot expect to work in only one field or to rely exclusively on the knowledge and skills acquired during their initial training throughout their professional career. The need for more adaptability for graduates, and for lifelong learning for all learners is obvious. (Havranek, 1993: 47)

Podemos, no entanto, perguntar o que é “aprender e pensar autonomamente”? Irá a sociedade ficar demasiado individualizada, valorizando os que aprendem sozinhos? Mas, será que “autonomamente” significa “sozinho”? Será que um aluno autónomo é aquele que se isola dos restantes colegas? Definitivamente, não!

De acordo com Phil Benson (2001: 1), as definições de autonomia são muitas vezes mal entendidas, uma vez que se assume que, por exemplo, a autonomia “implica aprender isoladamente, [ou] aprender sem um professor”. No entanto, a autonomia pode ser definida como “a capacidade de controlar a própria aprendizagem”¹⁴ (*Idem*: 2). O mesmo autor refere ainda que uma aprendizagem autónoma é mais eficiente do que uma aprendizagem não autónoma, sendo que um aluno autónomo aprenderá melhor uma língua.

¹⁴ As citações deste parágrafo são de minha tradução.

Holec (*apud*. Fenner, 1997: 95) defines autonomy as

... the ability to take charge of one's own learning" (...) [that is] "to have, and to hold, the responsibility for all the decisions concerning all aspects of this learning, ie:

- determining the objectives;*
- defining contents;*
- selecting methods and techniques to be used...;*
- evaluating what has been acquired.*

Do mesmo modo, Havranek (1993: 47) refere que uma aprendizagem autónoma “implica de os aprendentes sejam, eles próprios, responsáveis pelos objetivos, pelo conteúdo, e pelos métodos da sua aprendizagem.” (minha tradução)

Esta aprendizagem autónoma, independente, pode ser um desafio para o aprendente, uma vez que este deverá ser capaz de fazer as suas escolhas, definir os seus objetivos de aprendizagem e conseguir alcançá-los sem a ajuda direta de um professor:

I argue that a fundamental challenge of independent language learning is for learners to develop the ability to engage with, interact with, and derive benefit from learning environments which are not directly mediated by a teacher. (White, 2008: 3)

Little (1996: 24) afirma que autonomia é uma “capacidade humana geral que todos nós possuímos até ao ponto em que somos capazes de ter pensamento e ação independentes.” (minha tradução) No entanto, não devemos pensar que um aluno se torna autónomo automaticamente. A autonomia deve ser trabalhada, desenvolvida. Os professores deverão ajudar os seus alunos a tornarem-se autónomos:

First, it is worth stressing again that autonomy is best thought of as a capacity, or as a goal to be pursued, rather than as a behaviour or a permanent state. (Little, apud O'Rourke:2007:44)
Learners do not become autonomous automatically... Teachers must prepare the ground for autonomous modes of working... ” (O'Rourke, 2007, 44)

A aprendizagem em tandem pode ser vista como a forma ideal para o desenvolvimento da autonomia do aprendente, uma vez que é este quem controla a sua aprendizagem sem se sentir sozinho, tendo a vantagem de estar em contacto direto com um perito da língua que quer aprender:

Tandem language learning is seen as an ideal set-up for developing learner autonomy by handing over to the student control over her own learning while at the same time not leaving the student entirely on her own... they also have first-hand contact with an expert of the language they are learning. (Mullen et al., 2009: 105)

O princípio da autonomia pode também ser visto como impulsionador da aprendizagem em tandem, uma vez que o aprendiz não aprende necessariamente sozinho, mas é capaz de ser responsável e ter iniciativa perante a sua própria aprendizagem:

The Principle of Learner Autonomy is the actual driving force of a tandem exchange. An autonomous learner is not necessarily a learner working on her own, but a learner who is able to take responsibility and initiative of her own learning. (Holec and Little apud Mullen et al., 2009: 105)

Numa aprendizagem em tandem, os aprendentes são “autónomos no sentido em que são responsáveis pela gestão da sua própria aprendizagem” (Little, 2002: 27), não podendo faltar, está claro, o princípio da reciprocidade de que se falou na secção anterior, uma vez que este tipo de aprendizagem se baseia “num compromisso mútuo.” (*Ibidem*)

Numa aprendizagem em tandem, “cada um dos parceiros é responsável pela sua própria aprendizagem, determinando *como, quando* e o *que* pretende aprender, assim como qual a ajuda que gostaria de obter por parte do seu parceiro.” (Brammerts, 2002: 17). Também a referir é o facto de que é importante que cada um seja responsável pela sua própria aprendizagem, uma vez que cada parceiro tem objetivos, metodologias e necessidades diferentes. Assim, só se responsabilizando pela sua própria aprendizagem, poderá o aprendiz tirar proveito daquilo que o seu parceiro lhe dá, não podendo esperar dele mais do que aquilo que foi pedido:

...the Principle of Learner Autonomy, according to which all tandem partners are responsible for their own learning: they alone determine what they want to learn and when, and they can only expect from their partner the support that they themselves have defined and asked for... Another important reason to stress this responsibility for one's own learning is that aims and methods are rarely the same for both partners, since they generally have different learning experiences and needs. (Little e Brammerts, 1996: 11)

Autonomia é, portanto, “essencial, não só para o resultado final mas também para o processo de aprendizagem” (Little, 2002: 34). Numa aprendizagem em tandem pressupõe-se que “os parceiros sejam autónomos desde o início, dado que mais ninguém se encontra directamente envolvido na sua relação de aprendizagem.” (*Ibidem*)

2.1.3 Benefícios e Possíveis Dificuldades

*A different language is
a different vision of life.
(Federico Fellini)¹⁵*

A grande vantagem da aprendizagem em tandem é, claramente, a possibilidade de aprender uma língua estrangeira com um falante nativo, portanto, com uma comunicação autêntica. “Cada um pode aprender com o outro exactamente aquilo que este domina” (Brammerts e Clavert, 2002: 37). Com uma experiência deste tipo “está-se constantemente perante um padrão correto de linguagem”¹⁶ (James, 2003: 68), “complementando ou enriquecendo os conhecimentos adquiridos num curso de línguas formal.” (Carecho e Strobl, 2002: 86)

Além disso, a aprendizagem em tandem permite que os seus participantes melhorem as suas competências interculturais, que, segundo Olga Kozar (2015: 106), é uma “competência importante e valiosa no mundo moderno e globalizado.” (minha tradução) De facto, sendo a comunicação feita por dois falantes de línguas diferentes e oriundos de países diferentes, a aprendizagem em tandem possibilita a aprendizagem de uma cultura diferente: “Já que a aprendizagem em tandem é sempre baseada na comunicação entre membros de comunidades com línguas e culturas diferentes, ela também facilita a aprendizagem intercultural”¹⁷ (Little e Brammerts, 1996: 10). Cada parceiro tandem é, de facto, “um falante da língua que deseja aprender e por isso é totalmente conhecedor, não só da língua mas também da respectiva cultura” (Brammerts, 1996b: 38). Aliás, “a troca de informações ajuda os parceiros a ficarem com uma ideia imediata sobre a vida no país da sua língua-alvo, do ponto de vista de uma outra pessoa.” (Brammerts e Calvert, 2002: 48)

¹⁵ Cineasta italiano (1920-1993)

¹⁶ Minha tradução

¹⁷ Minha tradução

Uma outra vantagem deste tipo de metodologia prende-se com o facto de que os parceiros podem escolher assuntos do interesse de ambos, fazendo com que as conversações sejam mais naturais do que seriam, por exemplo, numa sala de aula. “É possível comunicar com o teu parceiro acerca de tópicos de interesse mútuo genuíno e evitar assim a falta de naturalidade que caracteriza frequentes vezes a comunicação na sala de aula” (Brammerts e Calvert, 2002: 48). Desta forma, mais aprenderá cada um dos parceiros sobre as opiniões, trabalho ou vida do outro: “... quanto mais eles [os parceiros] falarem sobre o que realmente lhes interessa, então mais eles aprenderão sobre o seu parceiro e sobre a sua opinião bem como sobre a sua vida e trabalho.”¹⁸ (Brammerts, 1996a: 122)

Já referido na secção anterior, o facto de que cada parceiro pode estabelecer os seus próprios objetivos de aprendizagem, bem como as metodologias que mais se adequam a si, pode ser visto como um benefício inerente à aprendizagem em tandem, não esquecendo também que cada parceiro pode sempre recorrer à sua língua para esclarecimento de qualquer dúvida:

Cada um dos parceiros tandem pode, autonomamente ou por acordo com o parceiro, determinar os seus próprios objetivos, métodos de aprendizagem e condições de trabalho (...) [e] quando necessário, os parceiros podem usar a sua própria língua, no sentido de superar problemas e dificuldades. (Brammerts, 1996b: 38)

Os parceiros tandem poderão utilizar durante metade do tempo a sua língua e é esta possibilidade que faz com que melhorem as suas competências orais ou escritas, consolidem conhecimentos entretanto adquiridos e claro está, aprendam novos modos de se exprimirem. Poderão também analisar o comportamento do seu parceiro, sendo estes também considerados novas aprendizagens:

...cada um deve utilizar a língua materna durante metade do tandem. Assim, os parceiros têm a oportunidade de melhorar as suas aptidões no âmbito da compreensão e da produção oral e escrita, consolidar conhecimentos já adquiridos (...) aprender novas formas de expressão. Também o comportamento e as atitudes do parceiro (...) podem servir como base de aprendizagem. (Brammerts e Clavert, 2002: 4)

¹⁸ Minha tradução

Um outro aspeto que pode ser visto como positivo na aprendizagem em tandem é o facto de ambos os participantes serem, ao mesmo tempo, aprendentes e, por conseguinte, terão mais paciência e compreensão face às dificuldades do parceiro.

Estando os dois participantes em pé de igualdade, isto é, tendo os dois o estatuto de aprendente, terão com certeza mais à vontade em falar na língua estrangeira do que teriam na sala de aula ou numa situação em que só um quisesse aprender:

... in the case of tandem learning both partners are in the role of learners, and have fewer inhibitions in expressing themselves in the foreign language than they would have in a class scenario or in relating to other native speakers. (Little e Brammerts, 1996: 11)

De facto, “nas interações in-tandem, um participante assiste o outro, corrigindo, sugerindo formas alternativas, traduzindo e explicando significados; eles não ensinam, mas ajudam o outro a aprender” (Brammerts, Calvert e Keplin *apud* Ramos e Barbosa, 2009: 185). Mais ainda, Brammerts (1996a: 122) refere que, sendo ambos os parceiros aprendentes, e sabendo o que é ser aprendente, ficarão ainda com mais disposição de ajudar o seu parceiro a resolver os seus problemas.

Leow (*apud*. Kozar, 2015: 106) refere também que quando o aprendente veste a camisola de professor acaba por perceber como funciona a língua, tornando-se, desta forma, a sua aprendizagem mais eficiente:

...encourages learners to act as ‘language experts’ by providing feedback to learners. This experience of “wearing a teacher’s hat” can increase learners’ meta-awareness of language learning (= understanding how language works), which (...) can make learners more efficient and effective in their own studies.

O’Rourke afirma que uma das forças da aprendizagem em tandem é o facto de que, controlando a sua aprendizagem, o aluno ganha também um sentimento positivo em relação à aprendizagem de línguas. Uma parceria com sucesso pode ser estimulante e pode fazer com que o aprendente consiga arriscar mais na utilização da língua estrangeira. Além disto, o aprendente ficará também mais sensível ao funcionamento da língua:

...their control over their own learning, which may positively affect their attitude towards language learning (...) a successful partnership can be enjoyable and intellectually stimulating, and inculcate to take risks in communicating in the target language. It can also increase a learner's general sensitivity to the way language in general works. (O'Rourke, 2007: 59)

Brammerts defende também que será mais facilitada a comunicação entre apenas dois parceiros do que se esta for em grupo, na medida em que será mais fácil que os parceiros se sintam mais à vontade um com o outro:

O trabalho em conjunto de apenas dois parceiros simplifica também a comunicação intercultural (...) é mais fácil superar inibições – que constituem em obstáculo relevante na aprendizagem de línguas – entre dois aprendentes do que num grupo. (Brammerts, 2002: 18-19)

Um outro aspeto pertinente é o facto de esta metodologia ser relativamente fácil de organizar e também não implica custo elevados. De facto, nos dias de hoje comunicar via Skype ou até Facebook fica relativamente barato, não esquecendo que com o Skype ou Facebook podemos ver o nosso parceiro, através de videochamadas, residente ou não no nosso país:

... the main benefit of using Skype or similar services for tandem language exchange is the possibility of access to native speakers in their home countries who would not otherwise be accessible. In fact, (...) Skype is a useful tool to facilitate communication between people who are not so distant geographically. It has numerous advantages over telephones for the purposes of tandem learning (no cost, multi-modal, conference calls). (Mullen et al., 2009: 105)

Além disso, utilizando a internet, não será necessário pôr de lado a própria vida, privada e profissional, e nem sequer é obrigatório fazer parte de uma instituição de ensino, facilitando, de certa forma, a marcação dos encontros.

O'Rourke defende que a experiência tandem é uma experiência que permite uma interação única, vibrante, aberta e autêntica com falantes nativos, podendo até ultrapassar a aprendizagem de línguas, dado que destas parcerias poderão surgir amizades:

... tandem can lead to friendships that transcend language learning. In short, tandem at its best offers a uniquely vibrant, engaging, open and authentic interaction with individual native speakers as representatives of their culture, of a kind that technologies have otherwise failed to deliver. (O'Rourke, 2007: 59)

Ainda assim, e nunca pondo em causa a todos os benefícios expostos, há algumas dificuldades que podemos e devemos referir.

Uma das primeiras dificuldades que podemos apontar está, de certa forma, relacionada com o uso de tecnologias (referido anteriormente como uma mais valia). Não deixando de ser uma ferramenta muito vantajosa neste tipo de aprendizagem, pode também tornar difícil a marcação de encontros, caso, por exemplo, os parceiros pertençam a países com fusos horários bastante diferentes. Consequentemente, poderá haver um impacto negativo na motivação dos participantes:

One of the most immediately obvious challenges is closely related to the biggest advantage of Skype: communication takes place between faraway places, making scheduling a non-trivial challenge. (...) This directly impacts the already problematic factor motivation. (Mullen et al., 2009: 106)

Mullen *et al.* (*Idem*: 103) referem-se ao fator “motivação” como sendo um fator problemático, uma vez que a motivação é um dos fatores que poderão contribuir para o sucesso de todo o processo, a motivação é, aliás, vista por estes autores como um desafio a ter em conta em tandem – “Entre estes desafios estão problemas como a motivação do aluno.” (minha tradução)

Ainda relacionado com as novas tecnologias, dois problemas, segundo Little (1996), podem surgir.

O primeiro tem a ver com o facto de os pares se encontrarem distantes, permanecendo no seu ambiente, com rotinas, oportunidades e até obrigações diferentes. Pode, por exemplo, um aluno participar porque a aprendizagem em tandem faz parte de um curso de línguas que frequenta e o seu par não. Este fator poderá desmotivar até o mais motivado dos participantes:

... dois tipos de domínios problemáticos: um deles tem a ver com o facto de que os parceiros trabalham a grandes distâncias um do outro e não se encontram frente a frente. Cada um permanece no seu ambiente habitual com as suas rotinas, as suas possibilidades e as suas obrigações. (...) a aprendizagem em tandem poderá, para um dos parceiros, fazer parte do trabalho realizado num curso de língua (...); no caso do outro isso poderá não acontecer. (...) mesmo os mais experientes e motivados aprendentes desanimam com muita facilidade. (Little, 1996: 29)

O segundo está relacionado com o facto de que “a distância entre ambos os parceiros facilita a cada um o corte na comunicação sem ter que dar satisfações.” (Little, 1996: 29)

Mullen *et al.* referem ainda que poderá surgir por parte de algum parceiro alguma estranheza ter de falar com uma pessoa desconhecida, ou poderá também acontecer que os parceiros acabem por falar apenas numa língua, a que melhor é dominada por ambos, e podem até ficar amigos, deixando de lado o objetivo inicial que é aprender uma língua e cultura novas:

To be thrust suddenly into live, real-time voice conversation with a complete stranger can be understandably awkward. Another difficulty of unsupervised tandem exchanges is that often students will either end up resorting to using only one language – the strongest L2 – become friends leaving aside the focus on learning. (Mullen et al., 2009: 104)

Aliás, o próprio O’Rourke (2007: 57) refere que “ao estabelecer parcerias de aprendizagem entre pessoas que são desconhecidas, o sucesso está longe de ser garantido.” As razões que expõe para esta afirmação prendem-se com o facto de que os pares podem não partilhar “o mesmo nível de entusiasmo ou compromisso, ou os mesmos interesses, ou o mesmo sentido de humor”¹⁹ (*Ibidem*)

O’Rourke (*Idem*: 58) fala também do problema da possível predominância da língua mais forte em detrimento da que é menos dominada. O’Rourke designa este problema de “língua franca effect”, exemplificando-o desta forma:

... if the Italian partner can communicate more fluently in Czech than the Czech partner can in Italian, then it is quite likely that Czech will come to be the pair’s effective lingua franca, with the result that the Czech partner benefits considerably less than the Italian partner.

¹⁹ A tradução das citações deste parágrafo são de minha autoria.

Caso isto aconteça, o princípio da reciprocidade, que, como vimos, é essencial para o sucesso da aprendizagem em tandem, é posto em causa, significando também o fracasso desta parceria.

Ainda relacionado com este problema está um outro que poderá também surgir. O equilíbrio entre o que se dá e se recebe, já referido anteriormente (ainda no âmbito do princípio da reciprocidade), é vital na aprendizagem em tandem. Ora, será um problema se um dos “parceiros dá mais valor aos seus objectivos de aprendizagem pessoais do que à manutenção duma relação cooperativa de aprendizagem” (Little, 1996: 39). Deixa de haver equilíbrio, deixa de haver reciprocidade e, conseqüentemente, falha esta parceria tandem.

Também poderá ser posta em causa a reciprocidade quando os aprendentes tandem “tentam impor ao seu par outras formas de ajuda que não as pretendidas” (Brammerts, 2002: 21), uma vez que, como já vimos, “os parceiros tandem nunca *ensinam*, mas ajudam a aprender” (*Ibidem*). Até porque um parceiro tandem deverá sempre respeitar a forma de aprender do seu parceiro, concordando ou não com ela, tal como espera que a sua seja respeitada:

... um bom parceiro tandem reconhece a autonomia do outro e está disposto a dar-lhe apoio, mesmo quando a forma de aprender é diferente da sua ou a considera ineficaz. Irá igualmente esperar do seu parceiro que aceite a sua forma de aprender e o ajude. Assim, os dois podem influenciar-se reciprocamente. (Brammerts, 2002: 21)

Falou-se anteriormente que uma das vantagens deste tipo de aprendizagem é o facto de os parceiros poderem escolher e falar sobre assuntos que agradem a ambos, tornando a conversa mais natural. No entanto, pode surgir um parceiro mais tímido ou pouco confiante, pondo em causa a existência de tópicos sobre os quais possam falar e levando à existência de silêncios que poderão causar algum incómodo, tornando o intercâmbio pouco produtivo. Pode até acontecer que um dos parceiros desista por sentir que não há tópicos sobre os quais conversar.

Uma solução para este problema seria a sugestão de tópicos sobre os quais podem falar. No entanto, isto pode gerar um outro problema – os parceiros poderão limitar-se a simplesmente “responder” a esses tópicos sem que haja necessariamente discussão ou debate acerca dos mesmos:

It is absolutely necessary to give students a guide for what to talk about. (...) When topics are given for discussion, another set of difficulties arise. (...) Without disagreement, debate, or some other motivating factor for the conversation, discussions are likely to fall flat. (Mullen et al., 2009: 106)

Para esta dificuldade, Brammerts e Calvert (2002: 50) referem que os parceiros tandem “necessitam particularmente de indicações mais gerais sobre a escolha de temas adequados aos objectivos e ao nível dos seus conhecimentos.” As conversações devem ser, acima de tudo, “tão livres quanto possível, dentro dos limites da tarefa.”²⁰ (Mullen *et al.*, 2009: 107)

Uma outra dificuldade prende-se com o número de participantes. “Infelizmente, nem sempre há parceiros tandem em quantidade suficiente” (Brammerts, 1996b: 17). Será sempre uma dificuldade fazer pares sem que de um lado alguém fique sozinho – “Raramente será possível fazer pares sem deixar de fora aprendentes de um dos lados.”²¹ (O’Rourke, 2007: 57)

Como referimos anteriormente nesta secção, uma interação a dois será sempre mais benéfico e menos suscetível a inibições por parte de alguns pares. Uma solução seria fazer grupos de três ou mais. Contudo, poderia haver no grupo um aprendente menos confiante ou menos proficiente, acabando por se sentir posto de lado pelos restantes participantes. Além disso, poderia ser posta em causa a utilização das duas línguas de forma equilibrada.

Com benefícios e possíveis dificuldades ou problemas, a aprendizagem em tandem é, acima de tudo, uma metodologia que facilita o contacto com falantes nativos e, deste modo, torna possível que se desenvolvam competências comunicativas e os conhecimentos culturais. É ainda importante perceber que “no processo de conversação, eles [aprendentes] estão não só a praticar a língua que já sabem, mas estão também a ser levados a aprender algo novo.”²² (Mullen *et al.*, 2009: 106)

²⁰ Minha tradução.

²¹ Minha tradução.

²² Minha tradução

Parte 3

3.1 ESTUDO de CASO: SITALK – Language and Culture Exchange

*Knowledge of languages
is the doorway to wisdom.
(Roger Bacon)²³*

Ao longo de toda a minha experiência profissional enquanto professora do ensino básico, formadora de adultos em cursos EFA e, mais especificamente, enquanto docente no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) em Cursos Livres e em Cursos Técnicos Superiores Profissionais, tenho sentido que a maior dificuldade dos meus alunos é a capacidade ou o ‘à vontade’ de falar em Inglês. Por ser a dificuldade mais sentida, é também a que a maioria quer desenvolver.

A maioria dos meus alunos, nomeadamente dos Cursos Livres, refere que gostaria de ser capaz de falar em Inglês, gostaria de, pelo menos, conseguir dar opiniões (concordando ou discordando), de iniciar ou terminar uma conversa ou até conseguir ter uma conversa sobre qualquer assunto geral (como férias, passatempos, comida...).

O que verifico é que, se por um lado tenho alunos com dificuldades porque lhes falta o conhecimento da língua, por outro lado, tenho alunos que têm o conhecimento e as competências necessárias para poderem ter uma conversa em inglês, mas que por vergonha não o fazem. Na verdade, as turmas têm normalmente cerca de 35 alunos e, para alguém que seja tímido ou que considere não ter as competências necessárias, será difícil expor-se durante a aula. Além disso, há sempre a vontade de querer aprender mais acerca de outras culturas, nomeadamente as culturas Britânica e Americana, neste caso por associação à língua inglesa.

Neste sentido, e tendo em conta o que foi dito anteriormente sobre uma melhor aprendizagem de uma língua e cultura estrangeiras, surge a oportunidade de experimentar a metodologia de aprendizagem em tandem. Neste caso, seria para toda a comunidade académica do IPCA, incluindo alunos, professores, funcionários que pretendessem melhorar o seu Inglês e alunos Erasmus que, sendo nativos ou fluentes em Inglês, quisessem melhorar o seu Português.

²³ Filósofo Inglês (1214-1292)

Surge, assim o Projeto *SITALK – Intercâmbio de Língua e Cultura / Language and Culture Exchange*, um projeto que visa, como já foi dito, experimentar a aprendizagem em tandem no IPCA.

3.1.1 Preparação do Projeto

*The secret of getting ahead
is getting started..
(Mark Twain)²⁴*

Para ser implementado foi necessário pensar, planejar e criar. Foi ainda necessário reunir com a direção da Escola Superior de Gestão (ESG) do IPCA (à qual estou ligada), particularmente com a Doutora Soraia Gonçalves, Diretora da ESG, de modo a saber se estaria ou não autorizada a implementar o projeto na instituição e, posteriormente, a melhor forma de divulgação na mesma.

Sabendo então que poderia implementar os projeto no IPCA e depois de perceber as bases para o funcionamento da aprendizagem em tandem, foi necessário decidir:

- como iria funcionar o projeto;
- que nome e imagem teria o projeto;
- como poderiam os interessados inscrever-se;
- que critérios utilizaria para proceder à formação dos pares;
- como poderia obter *feedback* por parte dos participantes;
- como seria feita a divulgação do mesmo.

Começamos então pelo primeiro ponto – como iria funcionar o projeto. Um dos aspetos que tinha desde logo delineado era o de que este projeto seria essencialmente para o desenvolvimento das competências orais, pois eram estas as competências que sentia serem a maior dificuldade e também a prioridade dos meus alunos. Assim, ficou decidido que os encontros entre os pares poderia ser feito cara-a-cara ou então via Skype ou Facebook, consoante a preferência apresentada pelos interessados. Ficou ainda decidido que sendo a minha área de formação o Inglês e o Português, seriam estas as línguas as utilizadas para este intercâmbio.

²⁴ Escritor e humorista norte-americano (1835-1910)

Relativamente ao nome para o projeto, entendeu-se que deveria ser simples, de fácil pronúncia, não muito longo para ser facilmente memorizado e que facilmente desse a entender a sua natureza, isto é, que facilmente se percebesse que era um projeto de intercâmbio de língua e cultura. Surgiu então o nome SITALK, um neologismo, que junta a palavra inglesa “sit” (sentar) e “talk” (conversar). De facto, a ideia é que os participantes se sentem para conversarem, *online* ou presencialmente. Ainda acerca deste nome, decidiu-se que teria apenas um “T”, porque facilitaria em termos de pesquisa na Internet, dado que o duplo T não é usado em Português. Além disso, achou-se que a este nome se deveria acrescentar um subtítulo, neste caso em português e inglês, para que tudo ficasse explícito. Escolheu-se então “Language and Culture Exchange / Intercâmbio de Língua e Cultura”. Facilmente qualquer pessoa conseguia entender que o SITALK teria a ver com uma troca linguística e cultural. A este nome deveríamos ainda associar uma imagem que fosse apelativa e que, ao mesmo tempo, facilmente indicasse que se tratava de um intercâmbio entre um falante de português e um outro de inglês. Falou-se então com o Luís Fernandes, um aluno do 12º ano de escolaridade no Curso Profissional para Técnico de Desenho Digital 3D, na Escola Secundária de Alberto Sampaio, em Braga, que criou a imagem apresentada no Anexo 1.

Estando o nome e a imagem criados, era altura de pensar num meio *online* para a inscrição de todos os que pudessem estar interessados na participação do projeto, bem como na informação que seria pertinente obter dos mesmos para depois formar os pares. Começou-se então pela pesquisa, na Internet, de *sites* que nos permitissem a criação de questionários/formulários para inscrições. Das várias opções que surgiram, optou-se pela *Typeform*, que é uma aplicação gratuita que permite, de uma forma muito simples, a elaboração, formatação e publicação de questionários e/ou formulários. Decidido então a aplicação a usar, era altura de pensar nas questões que seriam relevantes para a elaboração dos pares. Assim, seria necessário saber:

- que língua pretendiam melhorar e porquê;
- o nome e o endereço de correio eletrónico, para poderem ser depois contactados;
- a idade, para que, se possível, os pares sejam compostos por pessoas de idades aproximadas, facilitando, assim, em termos de temas para conversa;
- se estudam ou trabalham, também para, se possível, fazer pares com pessoas com o mesmo tipo de ocupação;

- a forma preferida para os encontros (cara-a-cara, Skype, Facebook...) e, no caso de os encontros serem presenciais, o local preferido para que os mesmos aconteçam²⁵;
- . a disponibilidade dos dias da semana e dos horários em cada um dos dias indicado, para que mais facilmente os pares se pudessem encontrar.

Seria também conveniente assegurar aos participantes que toda a informação fornecida pelos mesmos seria confidencial. Pensadas que estavam estas questões, era altura de criar o formulário propriamente dito. Surge então o formulário de inscrição em SITALK (Anexo 2).

A questão agora era – como fazer com que as pessoas pudessem obter informação mais detalhada acerca do projeto antes de se inscreverem? Sabíamos que não bastaria colocar informação no site do IPCA juntamente com o *link* do formulário. Também não era viável o envio de um email para toda a comunidade académica com toda a informação, pois seria muita informação, acabando por ser pouco apelativo. Para que entretanto pudesse ser feita uma divulgação atrativa, seria necessário a criação de um *site* da SITALK. Após uma nova pesquisa na Internet, surge a plataforma para criação de *sites* gratuita pt.wix.com. Com esta aplicação, tornou-se possível a criação do *site* <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk> (Anexo 3), a partir do qual todos os interessados podem obter a informação necessária sobre o projeto, bem como o acesso ao formulário de inscrição. Toda a informação está escrita em Português e em Inglês, tendo-se optado por uma cor diferente para cada língua, preto para a Língua Portuguesa e azul para a Língua Inglesa. Está também disponível no *site* um contacto de email, que corresponde à conta de correio eletrónico entretanto criada (sitalk.admi@gmail.com), para que o contacto entre os participantes e a administradora se tornasse mais fiável e séria.

Simultaneamente, foi necessário pensar numa forma de receber algum *feedback* por parte dos participantes. Decidiu-se pela criação de um Diário de Conversação (Anexo 4), que cada participante deveria preencher após cada encontro e enviar para o endereço eletrónico que consta na secção “Contacto/Contact” do *site*. Neste documento, constaria o nome do participante, a data do encontro e a indicação de novas aprendizagens (linguísticas e/ou culturais). Também neste diário, eram propostos possíveis temas sobre os quais os participantes poderiam conversar. Optou-se pela proposta de temas, para que estas conversas

²⁵ Neste caso deu-se a opção de escolherem entre Braga, Barcelos e Viana do Castelo, porque os alunos do IPCA são maioritariamente destes concelhos.

fossem o mais naturais possível, pois uma imposição de assuntos poderia levar a um desinteresse por não gostar do assunto imposto (uma das dificuldades referidas na secção anterior). Os participantes são informados acerca deste documento aquando da leitura de toda a informação constante no *site*.

3.1.2 Divulgação / Implementação do Projeto

*Every accomplishment starts
with the decision to try.
(Gail Devers)²⁶*

Com todo o trabalho preparado, era então hora de o divulgar/implementar o projeto. Começa-se por pedir uma nova reunião com a Doutora Soraia Gonçalves para expor mais claramente o projeto e também para lhe pedir autorização para a divulgação do projeto do *site* do IPCA. Nesta reunião, a Doutora Soraia Gonçalves refere que o *site* da instituição se encontra em remodelação, considerando, assim, que o envio de um email de sua parte para toda a comunidade académica, divulgando o projeto, seria uma melhor forma de promoção do mesmo. Nesta mesma reunião, fui alertada para o facto de que os alunos Erasmus do IPCA poderiam não ser fluentes em inglês.

No seguimento da reunião, foi enviado um email²⁷ (Anexo 5) para a Doutora Soraia Gonçalves, que o encaminhou para toda a comunidade académica do IPCA.

Começam logo a surgir as primeiras inscrições, uns de Barcelos, outros de Braga, com interesse em participar, mas todos com necessidade de melhorar o seu Inglês, pelas mais variadas razões:²⁸ “para adquirir novas competências”; “para abrir novos horizontes e experiências”; “mais-valia pessoal e na procura de emprego”; “melhorar a linguística e conhecer melhor a cultura Inglesa”; “motivos profissionais”; “pois é uma língua muito importante hoje em dia, e quero melhorá-la sobretudo para fins comerciais, profissionais e/ou pessoais”; “o mercado de trabalho exige fluência em inglês”; “preciso para a vida profissional e diálogos variados”; “have done the English course long time ago, and missing some verbs

²⁶ Ex-atleta norte-americana (n. 1966)

²⁷ À semelhança do *site*, este e todos os outros *e-mails* enviados para os participantes estão escritos em Português e Inglês, estando o texto em Português a preto e o texto em Inglês a azul.

²⁸ As citações apresentadas neste parágrafo são as justificações dos portugueses que se inscreveram com o objetivo de melhorarem o seu inglês.

and words”; “é a língua internacional”; “por vezes sinto vergonha em falar inglês”; “acho que é uma língua essencial em todo o mundo”; “nos dias que correm é uma mais-valia enorme tanto a nível profissional como pessoal”; “quero ser proficiente na utilização e compreensão da língua”; “para futuramente trabalhar num país onde domina o inglês”; “quero melhorar a pronúncia”.

Não tendo interessados em melhorar o Português, seria de todo impossível fazer com que o projeto se desenvolvesse. Assim, teria de procurar falantes fluentes de Inglês noutros espaços que não o IPCA. Foi feita alguma publicidade do projeto no Facebook, mas, desta publicidade, surgiram mais candidatos Portugueses e apenas um candidato Inglês (Escocês, para ser mais preciso), que, estando a residir em Vila Verde, refere “I would like to be able to communicate with others”. Era necessário e urgente fazer alguma coisa – pensou-se nos alunos Erasmus da Universidade do Minho. Por intermédio da Doutora Joanne Paisana, foi enviado o email de divulgação do projeto (Anexo 5) para a Dra. Maria José Vieira, dos Serviços Administrativos do Babelium, que o reencaminhou para a sua lista de alunos Erasmus da Universidade do Minho. Surgem então inscrições de falantes fluentes em Inglês, com necessidades de melhorar o seu Português, pelas mais variadas razões: “career”; “because I'm in Portugal “; “currently, I am doing my PhD in Marketing & Strategy at UMinho, so I will be living in Portugal for the next three to four years. Hence, I would like to converse in Portuguese and communicate with locals. Furthermore, having a good command of the local language will assist me in my data collection phase of my thesis. The long term goal is to be able to communicate with Professors, read the scientific journals and books in Portuguese and hopefully I will be able to teach marketing in Portuguese”; “I moved to Portugal 4 months ago, and I'm planning to stay for the next few years. My Portuguese is still very basic, and I would like to improve it”; “I am an Erasmus student in Portugal (Guimarães), and I really would like to be able to speak with native Portuguese people”; “because I need to write my master thesis in Portuguese”; “porque quero aperfeiçoar o meu Português, e gosto de falar pessoalmente com os amigos portugueses para treinar”; “I will be working in Portugal and need to have a basic understanding of Portuguese”; “because my master study is Portuguese”; “I am taking Portuguese course however I need close friendships to go further in Portuguese, I find it so useful. Thank you”.

Já com um número significativo de inscrições feitas, 25 portuguesas e 13 falantes de Inglês, começam a ser tratadas as informações para se proceder à formação de pares. Em primeiro

lugar, tínhamos de ter em conta a disponibilidade. Depois a preferência quanto ao tipo de encontros e só depois a idade e a profissão. Surge também nesta fase um outro problema. Havia participantes de Braga, Barcelos e Guimarães, e ainda que houvesse algumas escolhas para Skype ou Facebook, a grande maioria demonstrava preferência por encontros cara a cara, tal como podemos verificar no gráfico seguinte:

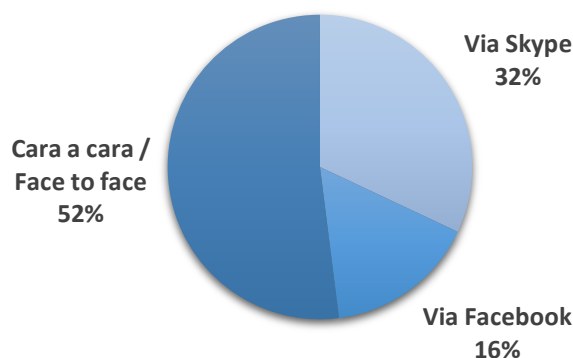


Fig. 1 Meio preferido pelos inscritos para a realização dos encontros

Além disso, de acordo com as disponibilidades e a língua alvo, não havia praticamente correspondência quanto ao local onde preferiam que os encontros acontecessem, caso fossem cara a cara. É enviado aos participantes que preferiam encontros cara a cara e que tinham par noutra cidade um email indicando a situação e questionando os mesmos se poderiam fazer os encontros via Skype ou Facebook. Nenhum colocou entraves quanto a este aspeto. Tinha então treze pares.

3.1.3 Desenvolvimento / Avaliação do Projeto

*Failures are finger posts
on the road to achievement
(C. S. Lewis)²⁹*

Estando os pares formados, foi enviado um email geral para todos os participantes (Anexo 6), informando-os de que já tinham sido feitos os pares e de que iriam receber um outro email (Anexo 7) com o contacto do par e ainda um outro (Anexo 8) com o Diário de Conversação para preencherem e enviarem para a administradora do *Sitalk*.

²⁹ Escritor britânico (1898-1963)

Após uns dias do envio destes emails, alguns participantes, fluentes em Inglês, informam a administradora de que o seu par já não tinha disponibilidade. Como resposta, é verificado se na lista de participantes há alguém com disponibilidade compatível e ainda sem par. Conseguiu-se arranjar novos pares para as poucas pessoas que tinham ficado sem par.

Passa uma semana, e apenas um par envia o seu Diário de Conversação. Envia-se então para todos os participantes um novo email lembrando que, já tendo passado uma semana, deveriam enviar o Diário de Conversação (Anexo 9). Contudo, continua a haver ausência de *feedback*, sendo, por isso, enviado um outro email lembrando que de acordo com as informações que constam no *site* <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>, deveriam os pares enviar o seu Diário de Conversação (Anexo 10). Após este email, continua a ser necessário lembrar a importância do *feedback*, enviando vários emails uma vez que continuamos sem o receber (Anexos 11). Recebem-se então algum *feedback*, mas verifico que apenas mais três pares fazem efetivamente os encontros. Ainda assim, verifica-se que nem todos os pares fazem os encontros assiduamente, devido a falta de disponibilidade por motivos de trabalho (“Tivemos alguns problemas em termos de encontrar alturas em que ambos não andávamos com trabalho escolar ou extra curricular a ocupar-nos o tempo”; “...a verdade é que eu e o [nome do par] não temos conseguido conciliar agendas”).³⁰ Tendo passado mais do que quatro semanas, verifica-se, pelo número de Diários de Conversação recebidos, que apenas um par fez os encontros, via Skype, assiduamente durante as quatro semanas seguidas, tendo optado por fazer as duas horas/semana. Um outro par teve apenas três encontros (também por Skype), mas não de uma forma seguida, por falta de disponibilidade. Outros dois pares tiveram apenas um encontro (um por Skype e outro cara a cara).

Não se podendo alargar mais o período de funcionamento do projeto, é enviado a todos os participantes um questionário de satisfação (Anexo 12). De referir que se optou por enviar a todos os que estiveram envolvidos no projeto desde o início, incluindo, assim, todos os que nunca enviaram qualquer tipo de *feedback*. De salientar também o facto de se ter dado um prazo de certa forma alargado, para que todos tivessem oportunidade de o fazer. Também para obter resposta a este questionário foi necessário enviar vários emails, pedindo a resposta ao mesmo (Anexo 13). Após quatro semanas de intensivo incentivo/pedido para preenchimento do questionário, apenas nove participantes responderam ao mesmo.

³⁰ Citações de emails enviados por alguns pares.

Temos, portanto, uma amostra muito pequena quer de Diários de Conversação, quer de respostas ao questionário. É, no entanto, com base nestes dados que será feita a avaliação do projeto.

Começemos então pelos Diários de Conversação. Que tipo de assuntos eram discutidos? Deram mais importância às competências linguísticas ou culturais?

Pelos Diários de Conversação, verifica-se, de um modo geral, que há um grande interesse em saber acerca da cultura, modos de vida e hábitos do país do parceiro, sendo este sentimento recíproco, isto é, também os falantes de inglês, apesar de cá estarem a viver e de presenciarem aspetos da cultura e modos de vida portugueses no seu dia-a-dia, têm curiosidade em saber mais. Verificou-se ainda que a comida/hábitos alimentares e a família são tópicos comuns a todos os Diários. Além disso, houve também interesse em saber palavras isoladas (como “holiday”, “foreign”, “internship”, “granizo”) bem como expressões, tais como “Do you like...”, “You must miss them”; “I like both”.³¹ Há ainda alguma referência a assuntos linguísticos, como os pronomes pessoais e tempos verbais, sendo que, neste caso, foram os falantes de Inglês que valorizaram estas competências.

Relativamente aos questionários, pela pequena amostra foi possível confirmar que apenas quatro pares se encontraram e que apenas um fez as quatro semanas.³² Ainda assim, dos quatro pares que se encontraram, houve um em que apenas um elemento respondeu ao questionário. Houve ainda dois participantes que não tiveram nenhum encontro e que, mesmo assim, responderam ao questionário.

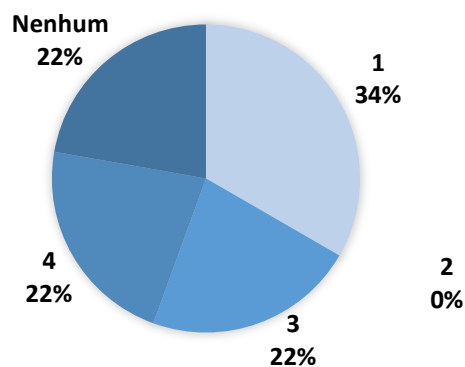


Fig. 2 Quantidade de encontros realizados

³¹ Estes exemplos foram retirados dos Diários de Conversação. São na maioria ingleses, porque uma grande parte dos Diários foram enviados por falantes Portugueses que pretendiam melhorar o seu Inglês.

³² Foi possível aferir quem respondeu, porque lhes era perguntado o nome logo no início do questionário.

Foi ainda possível verificar que, dos quatro pares apenas um se encontrou cara a cara, sendo que os outros três comunicaram via Skype. Os dois elementos que responderam “Outro/Other”, foram os que não tiveram qualquer tipo de encontro.

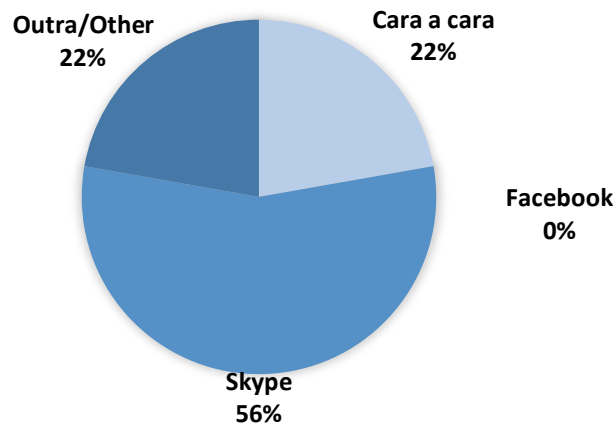


Fig. 3 Meio utilizado para realização dos encontros

Quanto ao número de horas por semana dedicadas aos encontros, são apenas contabilizadas sete respostas, uma vez que duas das inquiridas não tiveram qualquer encontro. Assim, dois participantes referem ter dedicado menos de duas horas, quatro referem ter dedicado 2 horas e um refere que dedicou 4 horas ao seu encontro. Ninguém dedicou três horas nem mais de quatro horas aos encontros.

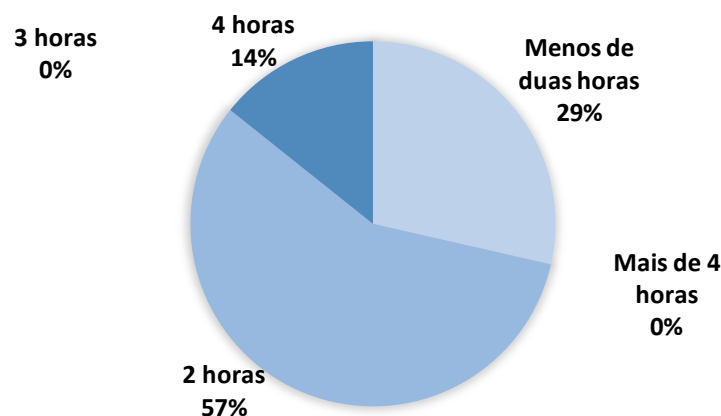


Fig. 4 Número de horas por semana dedicadas aos encontros

No que diz respeito à opinião dos inquiridos acerca da duração do projeto (quatro semanas), todos deram a sua opinião, mesmo os que não tiveram qualquer encontro. De um modo geral, todos afirmaram que quatro semanas é um período adequado (“4 semanas é o ideal para um

mini curso”), exceto dois participantes que demonstraram ter opiniões bastante diferentes, uma vez que um considera que “foi uma duração um pouco curta” e outro considera que é “Provavelmente muito longo. Menos encontros de maior duração”. Ainda assim, é de referir que a inquirida que considera ser pouco tempo, teve apenas três encontros e não foram seguidos; a inquirida que refere ser muito longo teve apenas um encontro. Os participantes que fizeram os encontros durante as quatro semanas seguidas consideram que as quatro semanas são adequadas: “Para mim foi o suficiente para ter um bom contacto com o idioma e poder ter um bom aprendizado”; “I think four weeks was about right”. Também um outro inquirido que teve três encontros refere que “the project had a good timing”.

Quanto às aprendizagens que cada um considerou mais significativas, realça-se a aprendizagem da cultura dos países de origem de cada um. Há também alguma referência à aprendizagem de algumas frases úteis e novas palavras e ainda à aprendizagem de aspetos linguísticos, mas não de uma forma tão uniforme.

De facto, e considerando apenas os sete inquiridos que tiveram um ou mais encontros, seis fazem referência à aprendizagem da cultura de outro país – “Aprendi sobre cultura do meu par”; “I managed to learn (...) culture (to dos and not to dos) food (main dishes that are good to try) places (the historical places and spots)”; “principais diferenças entre culturas”; “... aprendi um pouco sobre a cultura da Escócia...”; “I learned a bit about Brazil³³, the culture, food, climate”. Três dos inquiridos referem ter aprendido novas palavras e frases úteis – “...some new words”, “aprendi frases importantes para ter um diálogo, para uma apresentação pessoal”; “I also learned a few handy phrases”. Em termos de aprendizagem de competências linguísticas houve referência também por parte de três inquiridos – “I learned the usage of a different time”; “...mais sobre a gramática inglesa”; “I managed to learn more about the Portuguese language”. Um dos elementos fez ainda referência ao facto de deixar de ter receio de falar em inglês com um nativo: “perder o medo de praticar o inglês com um nativo”.

Em relação à utilidade deste tipo de aprendizagem em comparação com outros, como por exemplo, aprendizagem tradicional em sala de aula, todos os participantes foram unânimes ao referir que este é um método muito vantajoso, possibilitando a gestão dos encontros de acordo com a nossa disponibilidade; e aliciante, até porque se está em contacto com um falante nativo ou fluente: “muito útil e interessante”; “mais engraçado, mais sociável”; “para mim o

³³ O par desta participante é Brasileiro, residente há alguns anos em Portugal.

facto de ter contacto com um nativo e estarmos à vontade para praticar o idioma é o que classifico como diferenciais significativos”; “I found it interesting learning”; “you can manage it based on your timing”. Ainda assim, vários participantes referem que é um pouco difícil de concretizar, que requer responsabilidade e que se ambas as partes puderem dispor de mais tempo, os encontros serão mais produtivos – “...embora difícil de concretizar”; “requer mais responsabilidade da nossa parte”; “...if both parties have ample timing the conversation over the Skype could be longer which could be more productive”.

Quando questionados sobre a recomendação do projeto a um amigo, a resposta por parte dos nove participantes foi muito positiva, já que, dos nove, oito responderam que sim e apenas um respondeu que talvez recomendasse a alguém. Ninguém respondeu que não recomendaria o projeto a um amigo.

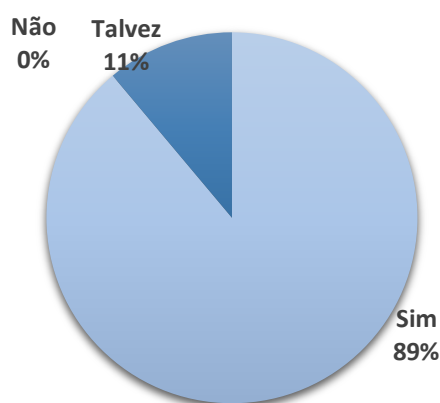


Fig. 5 Recomendação do projeto a amigos

Sobre o que mais/menos gostaram acerca do projeto, todos os sete que de facto tiveram algum encontro referiram que gostaram da experiência, pois foi a oportunidade de conhecer alguém de uma cultura diferente, partilhando ideias e experiências, foi ainda a possibilidade de falarem com um nativo estando à vontade, não se sentindo julgados pelas suas dificuldades, foi até a oportunidade de fazer um novo amigo: “a possibilidade de poder interagir noutra língua com assiduidade e conhecer pessoas de outras culturas e com outras experiências”; “de facto fiz um amigo”; “the friendliness of my Portuguese partner. I could make another new Portuguese friend and get to know the important aspects of the new country by talking to a native Portuguese individual”; “contacto com um nativo foi o que me chamou mais a atenção”; “I liked the whole idea of it. I liked talking to someone completely new who wasn’t

judging me on my Portuguese or the lack of it. I also liked trying to help my partner a bit with the English and I hope he got something from it”.

Ainda a este respeito, houve um participante que referiu, como aspeto menos positivo, o facto de ter de tentar encontrar um assunto que pudesse interessar ao colega, ainda que, no final, tudo se tivesse sempre resolvido da melhor forma: “I’d like the stress of finding something to talk about that might be of interest to the other party, but I managed fine with this”.

No que concerne às sugestões de melhoria do projeto, as opiniões não foram tão unânimes. Ainda que tenham sido constantemente enviados emails aos participantes que nunca deram qualquer tipo de *feedback*, houve um inquirido que sugeriu “fale mais com as pessoas para terem encontros frequentemente”. Outro participante referiu que gostaria de ter tido mais oportunidade de se encontrar com o seu parceiro – “I don’t know, but maybe it would be nice if I met more times with my partner”. Uma outra sugestão seria a de iniciar o projeto “promovendo uma sessão inicial de apresentação dos intervenientes e respetivos interlocutores para dar arranque ao projeto e criar relações interpessoais que, creio, seriam mais fáceis de manter”. Também houve um outro participante que referiu nada a propor por ser um bom projeto – “I don’t know what it could be, I think it is a very good project which works very well”. Houve, no entanto, três participantes que sugeriram a existência de objetivos ou então uma maior definição dos temas ou conteúdos a serem tratados em cada encontro – “definir os temas a serem falados em cada encontro”; “uma sugestão seria ter uma espécie de conteúdo base para aprender em cada conversação”; “weekly objectives to be set. Some sort of outline to be offered. The free scope of the conversation could sometimes take time from both parties to agree upon a topic. (...) I think the only thing which could improve the whole experience is a defined scope of the learning”. Este participante, referiu ainda o facto de a administradora do projeto ter tentado sempre seguir o percurso de cada participante: “In total, the experience was great and I really appreciate the efforts of the organiser and the way she managed the whole process and followed up with each participant”.

Tendo em conta o que foi analisado nesta parte do relatório e não esquecendo que a amostra para análise de dados é muito pequena, pode dizer-se que o projeto *SITALK – Language and Culture Exchange / Intercâmbio de Língua e Cultura*, tem muitos aspetos positivos a ter em conta, nomeadamente, a possibilidade de conhecer uma nova cultura e melhorar uma segunda

língua a partir do contacto direto com um nativo. Há, no entanto, muitas ‘arestas a limar’ para que possa funcionar ainda melhor.

Conclusão

*In literature and in life we ultimately pursue,
not conclusions, but beginnings.*
(Sam Tanenhaus)³⁴

Vivemos numa Europa onde cada vez menos se definem as fronteiras entre os diferentes países. Há uma maior e mais fácil mobilidade pela Europa e pelo mundo, surgindo o sentimento de pertença, não só ao nosso país, mas também ao continente europeu e ao mundo. Ainda assim, cada país tem a sua língua, os seus costumes, as suas tradições. Há, portanto, uma diversidade dentro de um continente e um mundo que parece ser cada vez mais uno. É então por este motivo que se torna cada vez mais importante conhecer a língua e a cultura do outro.

Este conhecimento além-fronteiras é, como vimos na primeira parte, defendido pela Comissão Europeia, no *Livro Branco*, quando refere que todos os cidadãos europeus devem saber pelo menos duas línguas estrangeiras. Vimos também que para se conhecer uma língua é necessário conhecer a cultura de um povo, conhecer uma língua não é apenas aprender novas palavras ou frases. Cultura e língua estão intimamente ligadas, compreenderemos melhor uma se também conhecermos a outra. Além disso, só conhecendo outras línguas e outros povos poderemos tornar-nos conscientes de que não somos únicos e tornarmo-nos cidadãos mais tolerantes com a diferença.

Como aprender uma língua e uma cultura diferentes? Há alguma metodologia mais correta do que outra? Também na primeira parte deste relatório verificamos que vários são os estudos à volta deste assunto e que várias teorias existem acerca dele. Contudo, não podemos negar que de uma forma geral se acredita que o contacto direto com a língua e a cultura através de falantes nativos é a melhor forma de se aprender e compreender a língua e a cultura alvo.

Vários projetos de intercâmbio surgem na tentativa de favorecer este conhecimento de língua e cultura, mas é com o advento e desenvolvimento das tecnologias que esse contacto entre falantes de países diferentes se torna mais fácil. De facto, antes do surgimento da Internet, o contacto com estrangeiros era possível através de carta, sujeitando os interlocutores a uma longa espera por uma resposta, ou por telefone, que não estaria tão acessível a todos e teria

³⁴ Historiador, biógrafo e jornalista norte-americano (n. 1955)

custos bastante elevados. Vimos também que nem sempre era fácil arranjar um interlocutor estrangeiro. Com a Internet tudo se torna mais rápido, fácil e barato. Surge a era de um mundo globalizado, onde comunicar com alguém do outro lado do mundo passa a ser quase tão fácil como comunicar com o nosso vizinho.

Neste contexto surge a metodologia de aprendizagem em tandem, que requer, como vimos, pelo menos duas pessoas que queiram aprender a língua e a cultura uma da outra. Um conceito interessante, que torna possível que duas pessoas desconhecidas se tornem parceiras e que troquem experiências e conhecimentos. Esta é uma metodologia que permite a cada um estabelecer os seus objetivos, acabando por se dedicar ao que realmente lhe interessa, e não perdendo, por conseguinte, o interesse pela aprendizagem da língua. É também uma metodologia que permite aos intervenientes estar mais à-vontade no uso da língua estrangeira, pois ainda que o seu parceiro seja nativo da língua alvo, é também aprendiz de outra língua, pelo que, estando ambos no papel de aprendiz e perito em simultâneo, serão, com certeza mais pacientes e compreensivos um com o outro. Estes e outros benefícios da aprendizagem em tandem foram analisados no relatório.

Há, no entanto, algumas dificuldades inerentes a esta metodologia e que não podem ser deixadas de parte. Vimos que a autonomia e a reciprocidade são dois princípios fundamentais para que todo este processo tenha sucesso. No entanto, depende de cada participante manter ou negligenciar estes princípios. Caso um parceiro não consiga ser suficientemente autónomo nas escolhas dos seus objetivos e dos meios que prefere usar para os alcançar, a aprendizagem em tandem ficará comprometida. Do mesmo modo, a partir do momento em que um dos pares põe de lado o compromisso de que deverá ajudar o seu parceiro, respeitando os seus objetivos e metodologias, tal como quer que o parceiro faça por si, a aprendizagem em tandem falhará. Outras dificuldades que poderão surgir serão a dificuldade em encontrar um par nativo da língua que se quer aprender, ou então, caso morem em países com fusos horários muito diferentes, haverá alguma dificuldade em encontrar disponibilidade coincidente. A motivação de cada um poderá também jogar a favor ou contra todo este processo.

Tendo em conta os benefícios desta metodologia, bem como a vontade de melhorar as competências orais e culturais demonstrada pelos meus alunos no IPCA, surge o projeto *SITALK – Language and Culture Exchange / Intercâmbio de Língua e Cultura*. Neste caso, em princípio, o intercâmbio estaria aberto para toda a comunidade académica do IPCA

(comunidade portuguesa e alunos Erasmus). Pelos motivos já enumerados na terceira parte do relatório, o projeto teve de ser alargado também à comunidade de alunos Erasmus da Universidade do Minho e outros falantes ingleses não ligados à universidade (caso do participante Escocês). Desde logo se verifica uma das dificuldades enumeradas por vários autores, nomeadamente por Brammerts, o número de participantes nem sempre é suficiente.

Verificámos também que, dos treze pares iniciais, apenas um cumpriu as quatro semanas, um outro fez três encontros e dois pares apenas tiveram um encontro. Um número muito pequeno, tendo em conta o número inicial. No entanto, podemos questionar: Este projeto continua ou não a ser uma boa aposta? Tem ou não tem benefícios? O que podemos fazer para o melhorar?

Acredito que continua ser um bom projeto. Como pudemos verificar pelas respostas ao inquérito, todos os que participaram ativamente, referiram que, de facto, aprenderam mais da língua alvo, mais da cultura do outro, fizeram até novas amizades e ganharam um maior à-vontade para comunicar na língua estrangeira sem receio de serem julgados pela sua pronúncia menos boa ou por não saberem determinadas palavras ou estruturas gramaticais. Considero que estes valores, estes benefícios, que são das grandes vantagens desta metodologia, estiveram presentes. Além disso, foi possível fazer pares com pessoas que não viviam na mesma cidade, graças ao Skype (por exemplo, um dos pares era composto por um residente em Braga e um outro, que apesar de ser Escocês, residia em Vila Verde). Puderam efetivamente comunicar, atingir os seus objetivos sem terem necessariamente de sair de casa. Também a referir o facto de que oito dos nove participantes que responderam ao inquérito afirmaram que recomendariam o projeto a amigos.

Quanto às dificuldades que surgiram, creio que há também algo que se possa fazer para as superar. Começamos pelo grande número de desistências. Não podemos obrigar ninguém a manter-se numa qualquer atividade, mas sempre acreditei que o fator motivacional (referido por Mullen *et al.* (2009: 103) como sendo um dos aspetos importantes em tandem) fosse realmente o que faria com que ninguém desistisse. Pelos motivos apontados pelos potenciais participantes aquando da inscrição, nomeadamente os de necessidade profissional, seria de esperar que os pares se mantivessem. Além disso, houve os que desistiram sem dar satisfação, um dos perigos mencionados por Little (1996: 29), e houve os que alegaram falta de

disponibilidade, ainda que esta indisponibilidade não tenha sido referida quando se inscreveram.

Um dos participantes sugeriu “uma sessão inicial de apresentação” fazendo com que as pessoas se conhecessem pessoalmente e, conseqüentemente, não desistiriam com tanta facilidade. No entanto, tendo em conta a grande diversidade de horários apresentados pelos candidatos e também o facto de nem todos residirem na mesma cidade, torna esta possibilidade inviável. Foi também sugerido que se falasse mais com os participantes, de modo a que se encontrassem mais frequentemente. Este contacto constante, pelo menos da minha parte, foi feito, foram enviados vários emails pedindo *feedback*, mas nem assim se impediram as desistências.

Creio que acima de tudo “querer é poder” e, por isso, houve um grupo que se manteve durante as quatro semanas. Contudo, o querer por si só não basta, até porque têm de querer muito os dois. Uma outra solução passaria pela obrigatoriedade. Mas como podemos obrigar alguém a manter-se num projeto desta natureza? Seria possível tornar esta parceria “obrigatória”, por exemplo, se fosse aplicada nas aulas como parte da avaliação. No entanto, tal só teria bom resultado se os pares também participassem no projeto como parte da avaliação da disciplina que estão a frequentar. Por outras palavras, poderia fazer com que os meus alunos, por exemplo, participassem, se a sua participação contasse para avaliação, mas teria de arranjar uma turma de fluentes em inglês que estivessem a frequentar um curso de português e cuja professora incluísse a participação dos seus alunos na avaliação. Motivação igual, menor probabilidade de desistência.

Um outro aspeto importante é o estabelecimento de objetivos semanais, ou de uma base para cada conversa sem comprometimento do à-vontade dos participantes, que foi sugerido por alguns dos inquiridos. Esta questão foi já abordada na segunda parte do relatório como sendo uma das dificuldades da aprendizagem em tandem. Como podemos estabelecer objetivos sem limitar a comunicação entre os pares? Não estaríamos também a pôr em causa o princípio da autonomia, segundo o qual cada um estabelece os seus objetivos de acordo com as suas necessidades? Não iria a conversa entre pares ficar um tanto ao quanto artificial? Mais uma vez aqui poderia resolver em parte este problema, caso aplicasse o projeto nas minhas aulas. Não daria objetivos aos meus alunos, pois iria por o princípio da autonomia em causa, mas

poderia ajudar individualmente cada um deles a definir os seus próprios objetivos, de uma forma autónoma e responsável.

Creio que ficou demonstrado que o método de aprendizagem em tandem é, de facto, interessante e apelativo. Permite o contacto direto com falantes nativos e, portanto, através de comunicações autênticas, aprender mais sobre a língua e a cultura do outro. É ainda uma ótima oportunidade para os mais tímidos poderem praticar a língua estrangeira sem se sentirem julgados, pois é aprendente de uma língua e ao mesmo tempo perito de outra. Pode ser feita de acordo com a nossa disponibilidade e, caso queira, sem sair de casa. É também uma forma de aprender barata.

Acredito também que o projeto *Sitalk – Language and Culture Exchange / Intercâmbio de Língua e Cultura*, demonstrou, apesar da pequeníssima amostra, todos estes benefícios. Todos os participantes aprenderam, de uma forma económica e prática, alguma coisa acerca da cultura e da língua do seu par.

Nem todas as dificuldades apresentadas puderam ser imediatamente solucionadas, mas refletindo sobre elas, acredito que podem ser superadas. “Tudo antes de ser fácil é difícil”, dizia Thomas Fuller, um médico e orador inglês (1654-1734) e acredito que esta experiência perante as dificuldades apresentadas se tornará mais fácil de implementar no futuro. Costuma dizer-se que aprendemos com os erros, sendo os erros, neste caso, não erros mas dificuldades que surgiram, mas com elas podemos realmente aprender e procurar formas de melhorar. Afinal, “a dificuldade é um severo instrutor.”³⁵ (Edmund Burke)

³⁵ Escritor e político irlandês (1729-1797)

Bibliografia

- BENSON, Phil (2001). *Teaching and Researching Autonomy in Language Learning*. UK: Pearson Education Limited.
- BRAMMERTS, Helmut (1996a). “Language learning in Tandem using the internet” in WARCHAUER, Mark (Ed.) (1996). *Telecollaboration in foreign language learning. Proceedings of the Hawai’i Symposium*. Hawai’i: University of Hawai’i, Second Language Teaching & Curriculum Center. (pp. 121-130)
- BRAMMERTS, Helmut (1996b). “O tandem na internet e o projecto internacional E-mail tandem network” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds. e Coords.). (1996). *Manual de aprendizagem autónoma de línguas em Tandem via Internet*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BRAMMERTS, Helmut (2002). “Aprendizagem autónoma de línguas em tandem: desenvolvimento de um conceito” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BRAMMERTS, Helmut & CALVERT, Mike (2002). “Aprender através da comunicação em tandem” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BRAMMERTS, Helmut & KLEPPIN, Karin (2002). “Conselhos práticos para a aprendizagem em tandem via internet” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BURNS, Anne (1999). *Collaborative Action Research for English Language Teachers*. UK: Cambridge University Press.

- CARECHO, Judite & STROBL, Carola (2002). “Aprendizagem de línguas em estrangeiras em tandem por correio electrónico e ao vivo” in RODRIGUES, Isabel Galhano & HURST, Nicolas (Dir.) (2002). *Actas do 5º Encontro Nacional sobre o Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CLEMENTE, Ana Isabel (2002). “Porquê a Língua Estrangeira? Estudo exploratório das expectativas parentais no jardim de infância” in *Revista Educação e Comunicação*. N.º7 (jun. 2002). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- COHEN, Andrew D. (2008). “Speaking Strategies for Independent Learning: A Focus on Pragmatic Performance” in HURD, Stella & LEWIS, Tim (2008). *Language Learning Strategies in Independent Settings*. UK: Multilingual Matters.
- COMISSÃO EUROPEIA (1995). «Livro branco» sobre a educação e a formação. *Ensinar e aprender - Rumo à sociedade cognitiva*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Porto: Edições Asa.
- D’ANGLEJAN, Alison (1978). “Language Learning in and out of classrooms” in RICHARDS, Jack C. (Ed.) (1978). *Understanding Second & Foreign Language Learning – Issues and Approaches*. Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc.
- FENNER, Anne-Brit (1997). “Sociocultural Competence in a ‘Learning to Learn’ Context” in ZARATE, G., BYRAM, M., Council of Europe. Council for Cultural Co-operation. Education Committee. (1997). *The sociocultural and intercultural dimension of language learning and teaching*. Strasbourg: Council of Europe.
- GARCÍA, Jesús Suárez & CRAPOTTA, James (2007): “Models of Telecollaboration (2): Cultura” in O’DOWD, Robert (Ed.) (2007). *Online Intercultural Exchange – An Introduction for Foreign Languages Teachers*. UK: Multilingual Matters.

- GREGÓRIO, Carmo, PERDIGÃO, Rute & CASAS-NOVAS, Teresa (Assessoria Técnica e Científica do CNE) (2014). *Integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do Ensino Básico [Relatório Técnico]*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- HAUCK, Mirjam & HAMPEL, Regine (2008). “Strategies for Online Learning environments” in HURD, Stella & LEWIS, Tim (2008). *Language Learning Strategies in Independent Settings*. UK: Multilingual Matters.
- HAVRANEK, Gertraud (1993). “Self-access study and learner autonomy, the foreign language teacher education curriculum” in SEQUEIRA, Fátima (Org.) (1993). *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.
- JAMES, Gill (2003). *The complete guide to learning a language*. UK: How To Books Ltd.
- KOZAR, Olga (2015). “Language exchange websites for independent learning” in NUNAN, David & RICHARDS, Jack C. (2015). *Language learning beyond the classroom*. New York: Routledge. (pp. 105-114)
- LIGHTBOWN, Patsy M. & SPADA, Nina (1997). *How languages are learned*. UK: Oxford University Press.
- LITTLE, David (1996). “Autonomia e aconselhamento do aprendente” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds. e Coords.). (1996). *Manual de aprendizagem autónoma de línguas em Tandem via Internet*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- LITTLE, David (2002). “A aprendizagem de línguas em tandem e a autonomia do aprendente” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- LITTLE, David & BRAMMERTS, Helmut (Ed.) (1996). *A Guide to Language Learning in Tandem via the Internet. CLCS Occasional Paper No. 46*. Ireland: Trinity College Dublin, Centre for Language and Communication Studies.

- MULLEN, Tony, APPEL, Christine & SHANKLIN, Trevor (2009). “Skype-Based Tandem Language Learning and Web 2.0” in THOMAS, Michael (Ed.) (2009). *Handbook of research on Web 2.0 and Second Language Learning*. New York: Information Science Reference.
- O’ROURKE, Breffni (2007). “Models of Telecollaboration (1): eTandem” in O’DOWD, Robert (Ed.) (2007). *Online Intercultural Exchange – An Introduction for Foreign Languages Teachers*. UK: Multilingual Matters.
- PATTINSON, Pat (1993). “Developing oral communication skills in the European foreign language classroom” in SEQUEIRA, Fátima (Org.) (1993). *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.
- RAMOS, William César & BARBOSA, Maria Sílvia P. R. A. (2009). “Aprendizagem de línguas in-tandem: quando o aprendiz exerce o papel de mediador”, in *Revista Estudos Linguísticos*, V. 38, n. 2. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.
- SEQUEIRA, Fátima (1993). “A dimensão europeia no ensino/aprendizagem das línguas” in SEQUEIRA, Fátima (Org.) (1993). *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.
- SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de & SOARES, Maria Elias (2012). “O ensino/aprendizagem de língua estrangeira: uma análise à luz das memórias discursivas dos alunos de letras” in *Revista de Letras*, nº 31, vol.1/2, jan./dez. 2012, Brasil: Universidade Federal do Ceará, pp. 87-92.
- ST. JOHN, Elke & WHITE, Liz (2002). “Actividades de sucesso na aprendizagem tandem” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- STICKLER, Ursula & LEWIS, Tim (2008). “Collaborative Language Learning Strategies in an Email Tandem Exchange” in HURD, Stella & LEWIS, Tim (2008). *Language Learning Strategies in Independent Settings*. UK: Multilingual Matters.
- TRUMAN, Mike (2008). “Self-correction Strategies in Distance Language Learning” in HURD, Stella & LEWIS, Tim (2008). *Language Learning Strategies in Independent Settings*. UK: Multilingual Matters.
- UNDERHILL, Nic (1993). *Testing Spoken Language. A handbook of oral testing techniques*. UK: Cambridge University Press.
- VICENTE, Sara (2014). “Aquisição da competência oral na aula de LE: subsídios para uma prática de interação comunicativa continuada e significativa” in CHENOLL, Antonio *et al.* (Coord.) (2014). *FALAR – SPEAKING, A Competência Oral no Ensino de uma Língua Estrangeira – Teaching Oral Communication Skills in Foreign Languages*. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.
- VINAGRE, Margarita (2007). “Integrating Tandem Learning in Higher Education” in O’DOWD, Robert (Ed.) (2007). *Online Intercultural Exchange – An Introduction for Foreign Languages Teachers*. UK: Multilingual Matters.
- WOLFF, Jürgen (ed.) (2002). *Mugaz Gain –Tandem superando las fronteras*. San Sebastián: Tandem Fundazioa.
- WILLEMS, Gerard (1993). “Culture and language: towards a better communication in Europe” in SEQUEIRA, Fátima (Org.) (1993). *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.
- WOODIN, Jane (2002). “Promover a competência intercultural na aprendizagem tandem” in DELILLE, Karl Heinz & FERREIRA, Adelaide Chichorro (Eds.). (2002). *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ZARATE, G., BYRAM, M., Council of Europe. Council for Cultural Co-operation. Education Committee. (1997). *The sociocultural and intercultural dimension of language learning and teaching*. Strasbourg: Council of Europe.

Webgrafia

BAUMANN, Matthias (2008). “Adventure Tandem – How to manage this learning method with a linguistic partner in a varied and realistic way” Disponível em: <http://www.tandem-fundazioa.info/index.php?menuid=19&downloadid=115&reporeid=28>. Consultado em: 07/07/2016

CEIA, Carlos (2006). “Por que é importante estudar línguas e por que é que não estudamos”. Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/images/stories/PDF/educare/aprender_linguas.pdf. Consultado em 13/07/2016

DERVIN, Fred (s/d). “Assessing intercultural competence in Language Learning and Teaching: a critical review of current efforts” Disponível em: <http://users.utu.fi/freder/Assessing%20intercultural%20competence%20in%20Language%20Learning%20and%20Teaching.pdf> Consultado em 13/10/2015

eTandem_syllabus_en.pdf. Disponível em: http://www.languages.dk/methods/tandem/eTandem_syllabus_en.pdf. Consultado em 16/10/2015

JALIL, Samira (2008). “Estudar uma língua estrangeira? Para quê?”. Disponível em: http://www.educacional.com.br/revista/0308/pdf/18_salaaula_linglesa.pdf Consultado em 10/08/2016

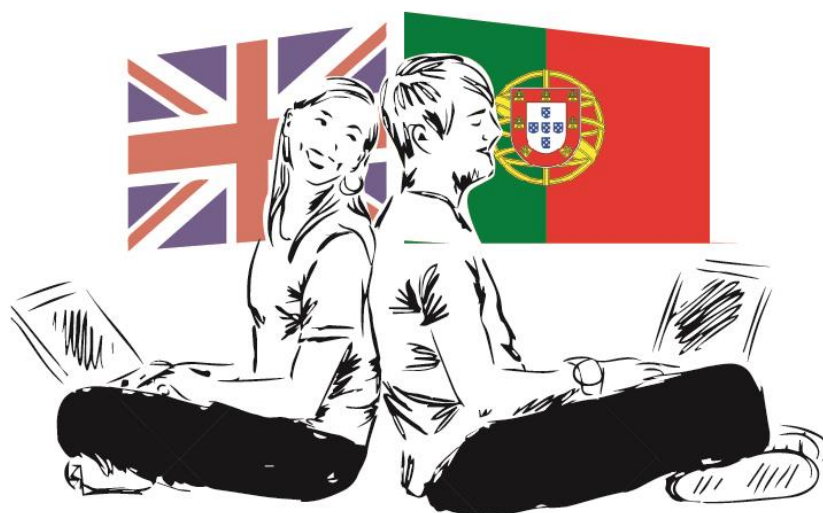
LEWIS, Timothy; CHANIER, Thierry & YOUNGS, Bonnie (2011). “Special Issue Commentary: Multilateral online exchanges for language and culture learning” in *Language Learning & Technology*, 15 (1) pp. 3–9. Disponível em: <http://lt.msu.edu/issues/february2011/commentary.pdf>. Consultado em 16/ 10/2015

TUDINI, Vincenza (2003). “Using Native Speakers in chat” in *Language Learning & Technology*. Vol. 7, No. 3 (june 2003), pp. 141-159. Disponível em: <http://lt.msu.edu/vol7num3/tudini.pdf>. Consultado em 06/07/2016

ZENHA, Armanda (2005). “Porquê aprender Inglês no 1º ciclo?”
Disponível em: <http://www.educare.pt/opiniao/artigo/ver/?id=12072&langid=1>
Consultado em 10/08/2016

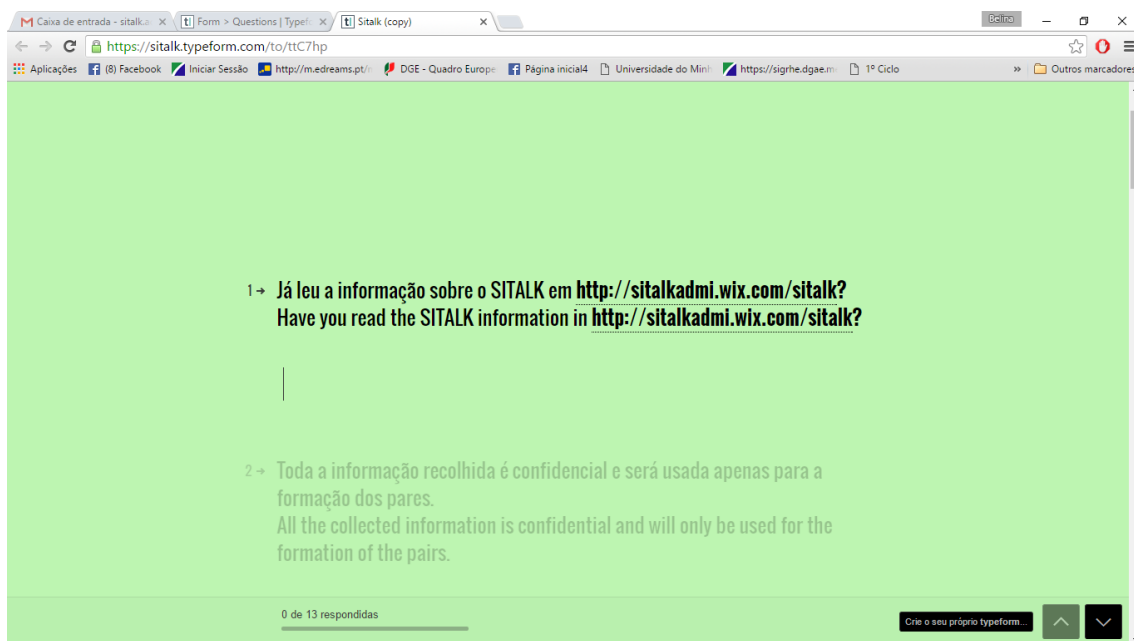
Anexos

SITALK



Language & Culture Exchange
Intercâmbio de Língua & Cultura

Anexo 2 – Formulário de Inscrição



Caixa de entrada - sitalk... X Form > Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe... Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo Outros marcadores

Ja leu a informação sobre o SITALK em <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>?
Have you read the SITALK information in <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>?

2 → **Toda a informação recolhida é confidencial e será usada apenas para a formação dos pares.**
All the collected information is confidential and will only be used for the formation of the pairs.

3 → **Que língua quer melhorar?**
Which language do you want to improve?

A) Português /Portuguese B) Inglês /English

0 de 13 respondidas Cria o seu próprio typeform

Caixa de entrada - sitalk... X Form > Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe... Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo Outros marcadores

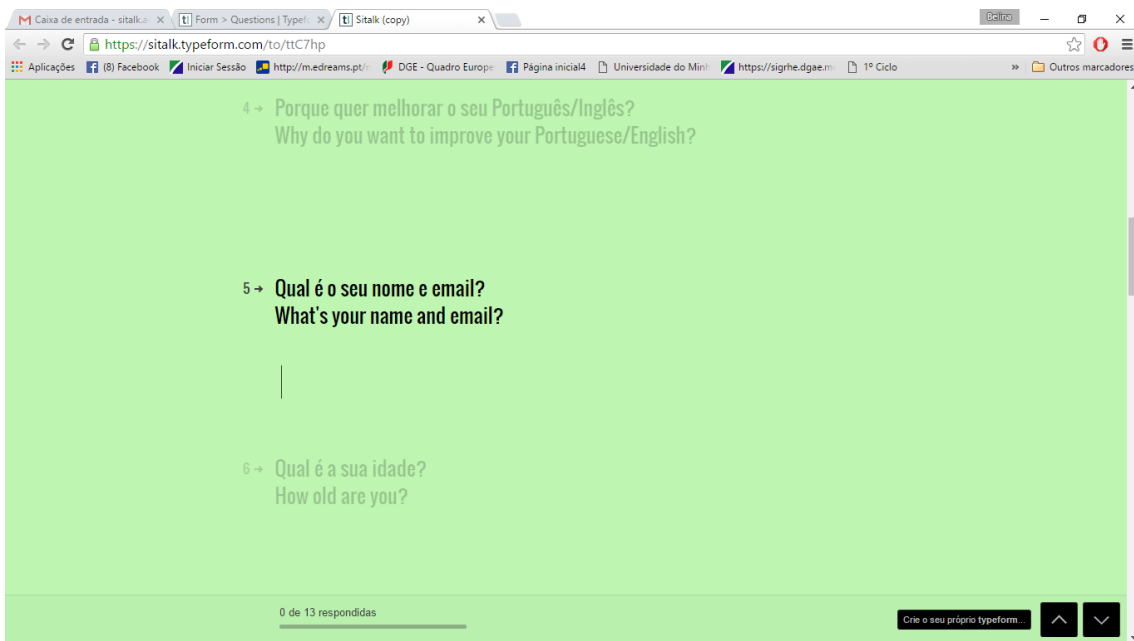
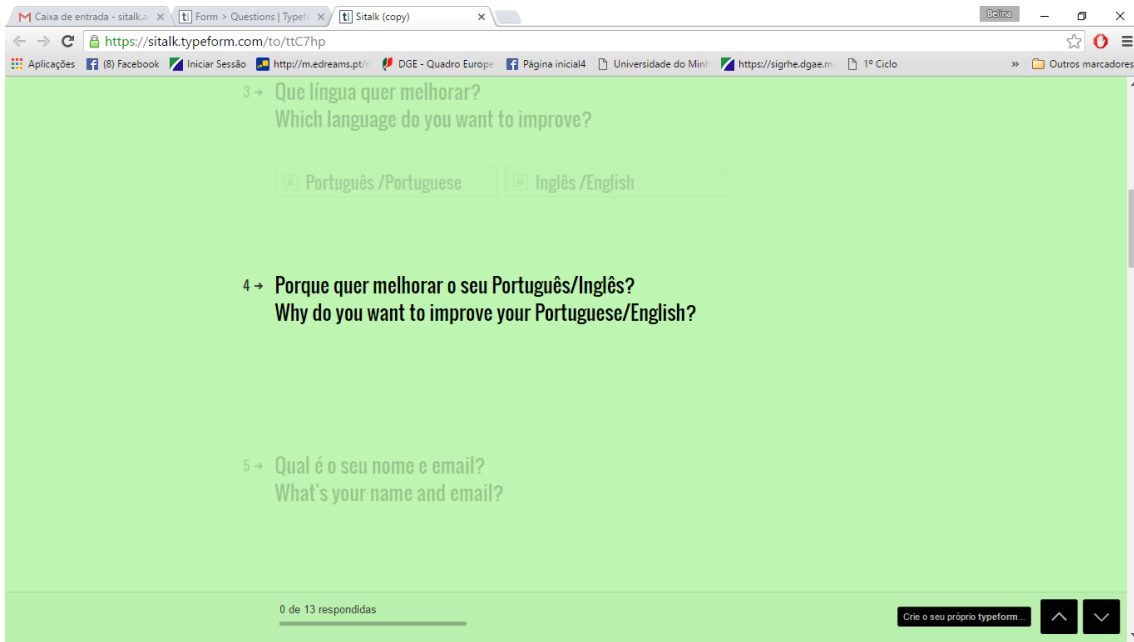
formation of the pairs.

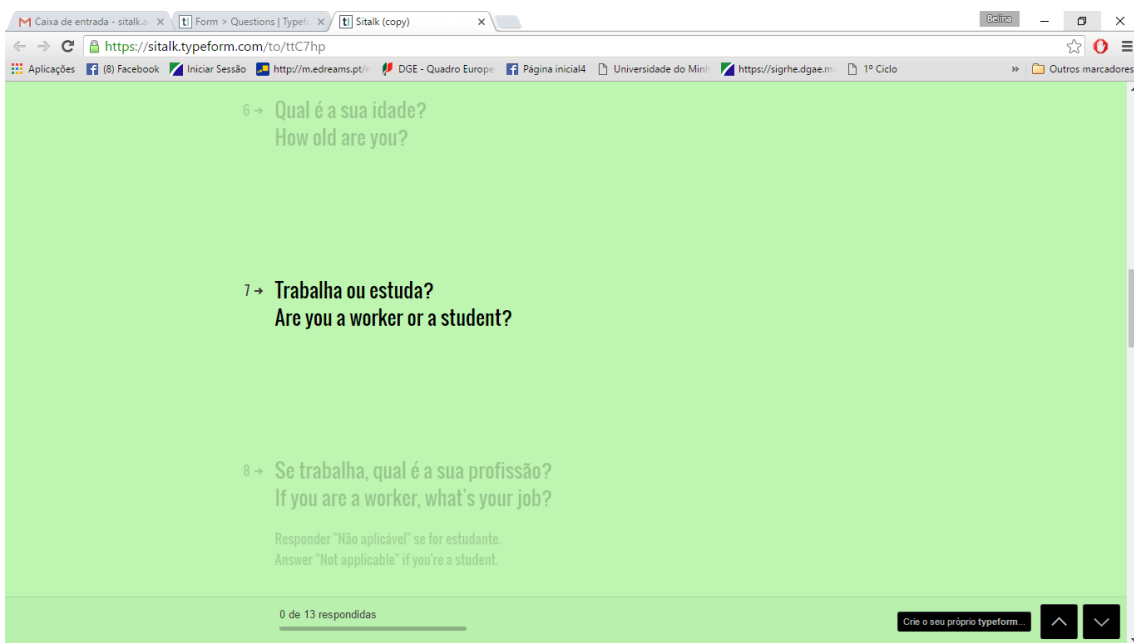
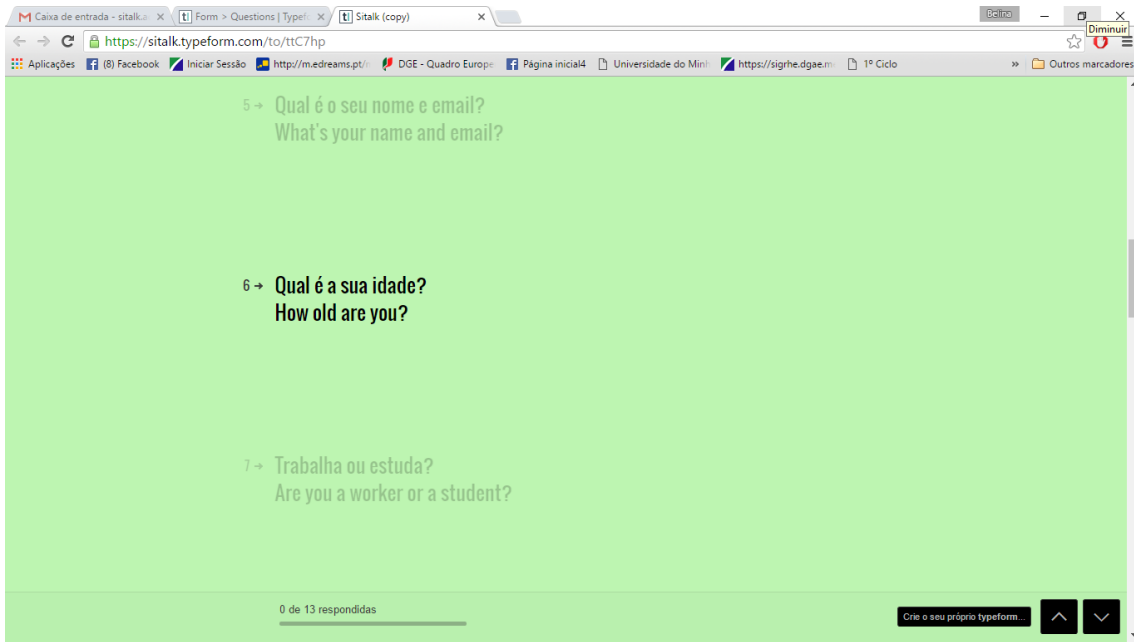
3 → **Que língua quer melhorar?**
Which language do you want to improve?

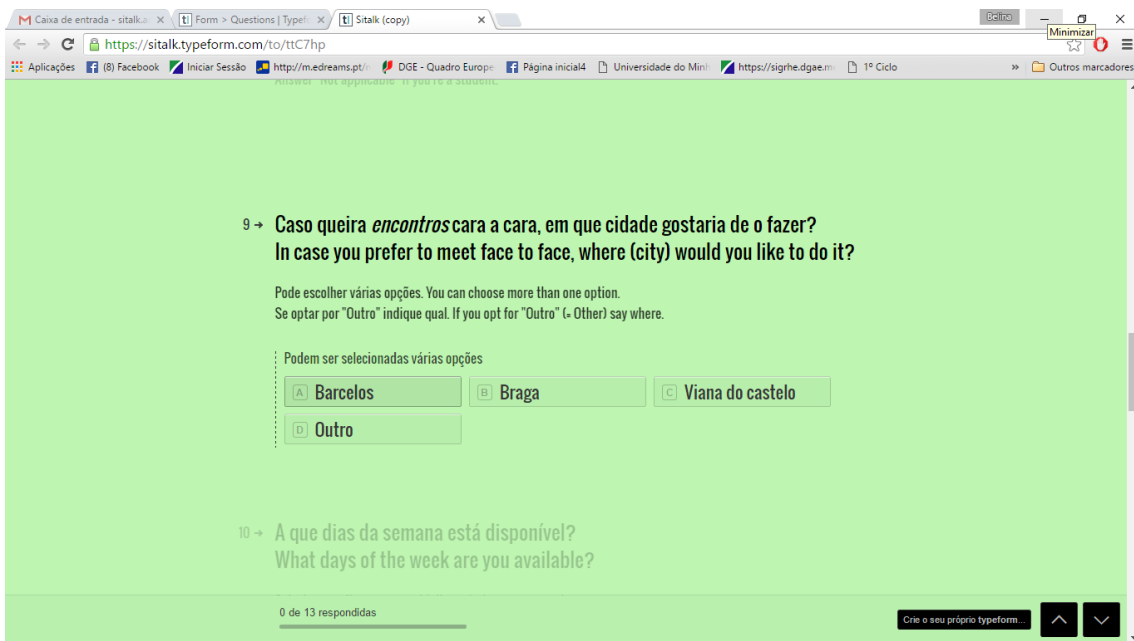
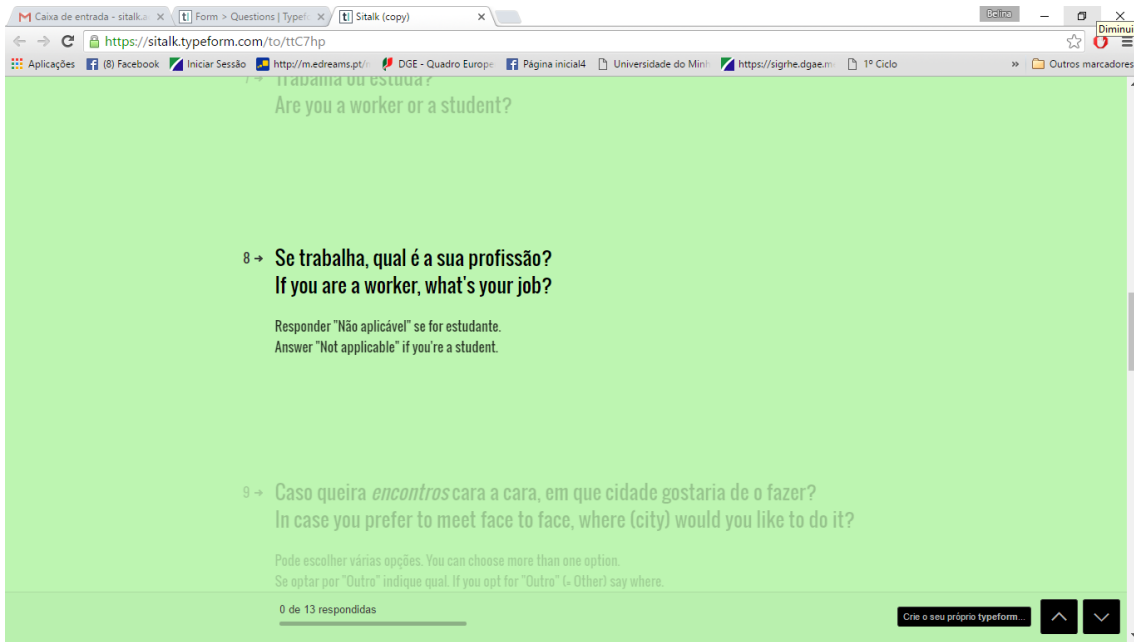
A) Português /Portuguese B) Inglês /English

4 → **Porque quer melhorar o seu Português/Inglês?**
Why do you want to improve your Portuguese/English?

0 de 13 respondidas Cria o seu próprio typeform







Caixa de entrada - sitalk... X Form -> Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

10 → **A que dias da semana está disponível?**
What days of the week are you available?

Selecione os dias em que está disponível para os encontros.
 Select the days in which you are available for the meetings.

Podem ser selecionadas várias opções

A Domingo / Sunday B Segunda feira / Monday

C Terça feira / Tuesday D Quarta feira / Wednesday

E Quinta feira / Thursday F Sexta feira / Friday

G Sábado / Saturday

11 → **A que horas está disponível nos dias que indicou?**
What time are you available on the days you indicated?

0 de 13 respondidas [Cria o seu próprio typeform](#)

Caixa de entrada - sitalk... X Form -> Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

E Quinta feira / Thursday F Sexta feira / Friday

G Sábado / Saturday

11 → **A que horas está disponível nos dias que indicou?**
What time are you available on the days you indicated?

Indique o dia da semana seguido do intervalo de horas a que está disponível nesse dia. (Ex. Segunda feira, das 18h às 20h).
 Indicate the days of the week, followed by the time range in which you are available that day. (e.g. Monday, from 6 p.m. to 8 p.m.)

12 → **Que meio prefere para os encontros?**
How do you want the meetings to happen?

Podem escolher várias opções. You can choose more than one option.

0 de 13 respondidas [Cria o seu próprio typeform](#)

Caixa de entrada - sitalk... X Form -> Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

12 → **Que meio prefere para os *encontros*?**
How do you want the meetings to happen?

Podê escolher várias opções. You can choose more than one option.
Se optar por "Outro" indique qual. If you opt for "Outro" (- Other) say which.

Podem ser seleccionadas várias opções

<input type="checkbox"/> A Cara a cara /Face to face	<input type="checkbox"/> B Via Skype
<input type="checkbox"/> C Via Facebook	<input type="checkbox"/> D Outro

13 → **Obrigada pela sua colaboração. Será contactado em breve.**
Thank you for the collaboration. You will be contacted soon.

0 de 13 respondidas


Cria o seu próprio typeform

Caixa de entrada - sitalk... X Form -> Questions | Typef... X Sitalk (copy) X

https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Mini https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

13 → **Obrigada pela sua colaboração. Será contactado em breve.**
Thank you for the collaboration. You will be contacted soon.

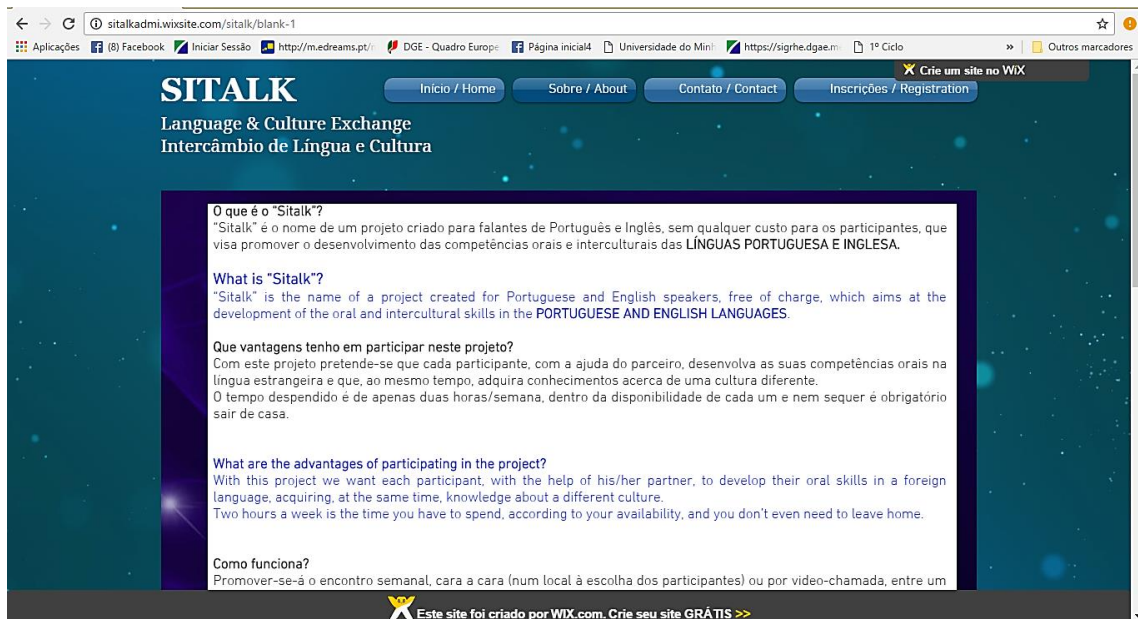


Ok ✓ pressionar ENTER

0 de 13 respondidas

Cria o seu próprio typeform

Anexo 3 – Imagens do site



← → C sitalkadmi.wix.com/sitalk#|blank-1/cf5y

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europeu Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m... 1º Ciclo Outros marcadores

Como funciona?
 Promover-se-á o encontro semanal, cara a cara (num local à escolha dos participantes) ou por vídeo-chamada, entre um falante de português que queira desenvolver as suas competências em Inglês e um bom falante de Inglês que pretenda desenvolver as suas competências em Português. Estes encontros deverão ter a duração de pelo menos duas horas por semana (juntas ou separadas). Numa das horas a conversação será feita exclusivamente em Português e na outra em Inglês.
 Os assuntos a abordar serão sugeridos pelo administrador do projeto, ainda que cada par tenha a total liberdade de conversar acerca dos assuntos que pretenderem. No final de cada conversa, cada participante deverá preencher uma pequena grelha sintetizando o(s) assunto(s) abordado(s) e as aprendizagens mais significativas (esta grelha será entretanto disponibilizada pelo administrador).
 A duração do projeto será de 4 semanas (mínimo) a 6 semanas (máximo), consoante preferência, no final das quais, será pedido aos participantes para responderem a um inquerito de satisfação.

How does it work?
 There will be a weekly meeting, face to face (at any place you choose) or by video-conferencing, between a Portuguese who needs to develop his skills in the English Language, and a good English speaker who intends to develop his skills in the Portuguese Language. These meetings must be of at least 2 hours per week (consecutive or separate). In one of the hours the conversation must be in Portuguese and the other must be in English.
 The subjects for the conversation will be suggested by the project administrator, although each pair is free to talk about the subjects they want. At the end of each conversation, each participant will have to fill in a small chart, summarizing the subjects discussed and also the most significant learnings (this chart will be later made available to the participants by the administrator.)
 The project should last from 4 weeks (minimum) to 6 weeks (maximum). At the end, the participants will be invited answer a satisfaction survey.

Como posso participar?
 Os interessados poderão inscrever-se em <https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp>
 Posteriormente, serão contactados pelo administrador, recebendo o contato do seu par e outras informações úteis.

NOTA: A administradora do projeto/IPCA não se responsabilizará por qualquer dano causado durante o projeto.

X Crie um site no WIX

X Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

← → C sitalkadmi.wix.com/sitalk#|blank-1/cf5y

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europeu Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m... 1º Ciclo Outros marcadores

the administrator.)
 The project should last from 4 weeks (minimum) to 6 weeks (maximum). At the end, the participants will be invited answer a satisfaction survey.

Como posso participar?
 Os interessados poderão inscrever-se em <https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp>
 Posteriormente, serão contactados pelo administrador, recebendo o contato do seu par e outras informações úteis.

NOTA: A administradora do projeto/IPCA não se responsabilizará por qualquer dano causado durante o projeto.

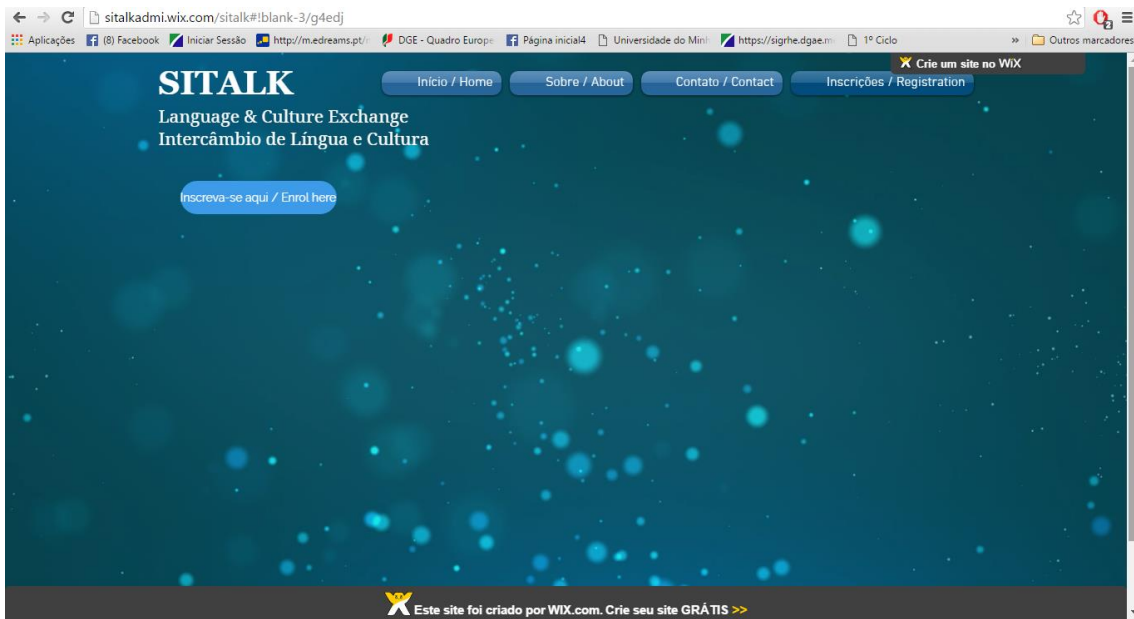
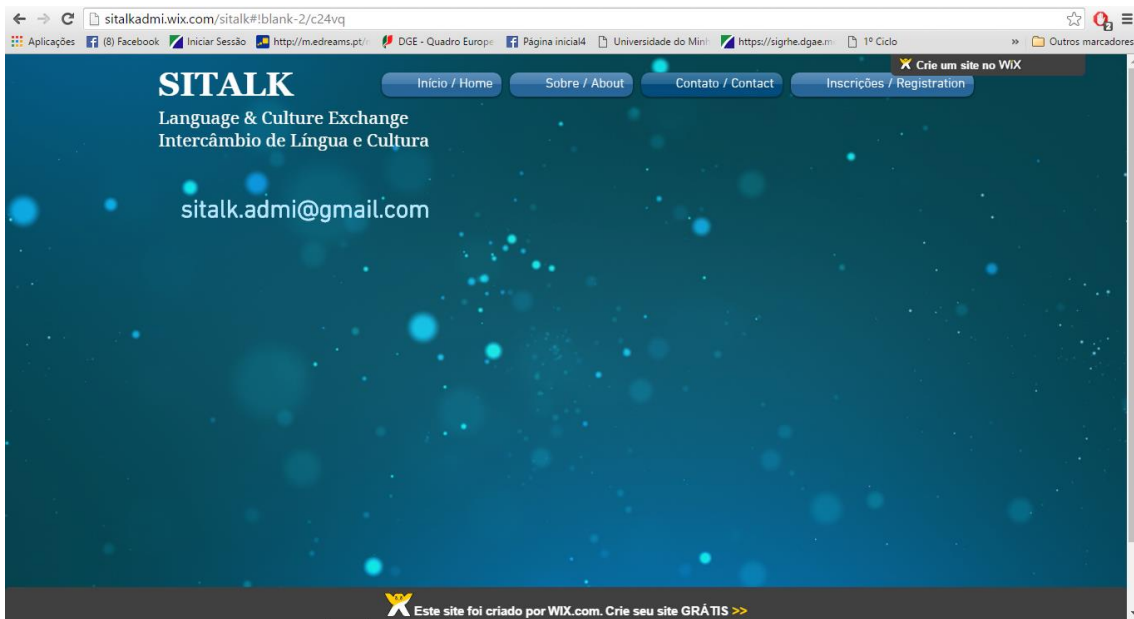
How can I participate?
 Those who are interested may enrol in <https://sitalk.typeform.com/to/ttC7hp>
 Later, they will be contacted by the administrator, receiving the contact of his/her partner and other important information.

NOTE: The administrator of the project is not responsible for any damage caused during the project.

© 2023 por SITALK. Orgulhosamente criado com Wix.com

X Crie um site no WIX

X Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>



DIÁRIO DE CONVERSAÇÃO / CONVERSATION DIARY



Nome / Name

Data/Date

Assuntos discutidos / Things discussed

Coisas que agora sei (ex. palavras, estruturas linguísticas, cultura...) / Things I know now (e.g. words, language structure, culture...)

Conversações possíveis / Possible discussion

- Família e amigos / Family and friends
- Lugares para visitar no seu país o na sua cidade / Places to visit in your country or city
- Comida e bebidas / Food and drink
- Atividades de tempo livre (desporto, atividades de lazer, compras...) / Hobbies (sport, leisure activities, shopping...)
- Férias / Holidays
- Entretenimento, Filmes / Entertainment, Films
- Moda / Fashion
- Clima / Weather
- Qualquer outro assunto adequado / Any other suitable subject

Anexo 5 – Texto de email de divulgação do projeto

Estimada Comunidade Académica do IPCA

Caros Professores,
Caros Funcionários,
Caros Estudantes,

Acreditando que nunca é demais promover o desenvolvimento das competências orais e culturais na Língua Inglesa, está a desenvolver-se um novo projeto de aprendizagem de línguas em pares – **SITALK**.

Este projeto, destinado a toda a comunidade académica do IPCA, totalmente gratuito, visa o intercâmbio de língua e cultura entre falantes de Português e de Inglês, em que os primeiros recebem dos segundos ajuda na melhoria das competências de comunicação oral em Inglês e ainda a aquisição de conhecimentos acerca da sua cultura. Em contrapartida, terão de fazer o mesmo pelo seu “parceiro”, ajudando-o no desenvolvimento de competências orais e culturais em Português. Tudo isto “à distância de um click.”

Para informações mais detalhadas vá a <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 21 DE MARÇO 2016

Início das sessões – princípios de abril

Saudações académicas.

Belina Conceição (administradora do projeto)
(Assistente Convidada IPCA)

Dear IPCA Community (Academic and non-academic)

Dear Students

Believing it's never too late to promote the development of oral and cultural skills in the Portuguese language, a new language pairing project is being developed - SITALK.

This is a totally free project for the entire academic community of IPCA, aiming at language and culture exchange between Portuguese and English speakers. To improve oral communication skills in English and also to gain cultural knowledge, the Portuguese speaker receives the latter's aid. On the other hand, the English speaker will have to do the same for his/her "partner" by helping in the development of oral and cultural skills in Portuguese. All this "with just one click."

For more detailed information go to <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>

Sessions begin in early April.

REGISTRATION OPEN UNTIL 21st MARCH 2016

Academic greetings,

Belina Conceição (project manager)
(Invited lecturer IPCA)

Anexo 6 – Texto de email geral de boas vindas aos pares

Caros participantes,

Agradeço a todos o interesse em participar neste projeto.

Irão receber dentro de momentos um email indicando o vosso par para conversação. Devo referir que nem sempre foi possível arranjar um par com as mesmas preferências para o modo de realização dos encontros. No entanto, estou certa de que não será esse o impedimento para que os mesmos se realizem. **Seria ótimo se pudessem começar já na próxima semana.**

Aproveito também para informar que receberão ainda um outro email com a grelha (“Diário de conversação”) que deverá ser preenchida após cada encontro e enviada para este endereço eletrónico.

Estou disponível para qualquer esclarecimento.

Com os melhores cumprimentos,
Belina Conceição

Dear participants,

I want to thank you all for your interest in participating in this project.

You will receive in a few moments an email indicating your conversation pair. I must say that it was not always possible to get a pair with the same preferences for the meetings to happen. However, I am certain that it will not be an obstacle for the meetings to happen. **It would be very good if you could start next week.**

I also inform you that you will receive another email with the chart (“Conversation diary”) which will have to be filled in at the end of each conversation and sent to this email address.

I am available for anything you need.

All the best,
Belina Conceição

Anexo 7 – Texto de email enviado a cada par separadamente

Caras ... e ...,

Tendo em conta a disponibilidade apresentada, devo dizer que irão ser parceiros durante as próximas 4 semanas. Cabe agora a cada um contactar o seu par e marcar os encontros.

Com os melhores cumprimentos,

Belina Conceição

Dear ... and ...,

Taking into account your availability, I must say you are going to be partners for the next 4 weeks. It is up to you now to contact your partner to set the meetings.

All the best,

Belina Conceição

Anexo 8 – Texto de email enviado aos pares com o Diário de Conversação

Caros participantes,

Segue então em anexo o "Diário de conversação" que deverá ser preenchido após cada encontro e enviado para este endereço eletrónico.

Grata pela atenção,

Belina Conceição

Dear participants,

I enclose the "Conversation diary" which has to be filled in after each meeting and sent to this email address.

Thank you for the attention,

Belina Conceição

Anexo 9 – Texto de email enviado aos pares lembrando o envio do Diário de Conversação

Caros participantes,

Uma semana já passou e espero que estejam a gostar dos vossos encontros. Devo, contudo, lembrar que devem preencher o "Diário de Conversação" e enviá-lo para este endereço eletrónico. É muito simples e não perderão muito tempo.

Aproveito também (pois creio não ter sido clara) que deverão apenas preencher o diário após a conversa na língua que pretendem melhorar. No caso dos falantes Portugueses, apenas preenchem após a conversa em Inglês.

Segue mais uma vez o documento em anexo, caso necessitem.

Com os melhores cumprimentos,

Belina Conceição

Dear all,

One week has passed and I hope you're enjoying your meetings. However, I must remind you about the "Conversation Diary" which must be filled in and sent to this email address after each conversation. It's a simple form and you won't waste much time.

I must also clarify (I think I may not have been clear) that you only have to fill in the form after talking in the language you want to improve. For example, in the case of the English speakers, you should only fill in after the conversation in Portuguese.

I'm enclosing once again the file, in case you need.

All the best,

Belina Conceição

Anexo 10 – Texto de 2º email enviado aos pares lembrando o envio do Diário de Conversação

Caros participantes,

Peço desculpa se estou a incomodar, mas preciso de algum feedback dos vossos encontros... tal como leram no website <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>, os encontros realizam-se ao longo 4 a 6 semanas e, no final de cada conversaçao têm de preencher o "Diário de Conversação". Devo referir que neste diário não precisam ser muito descritivos, apenas precisam referir alguma aprendizagem que tenham considerado significativa e/ou outro aspeto que considerem pertinentes. Este diário deve ser enviado no final de cada conversaçao (ou dia seguinte) para que eu possa ter algum feedback. No final das quatro semanas, será enviado um inquérito de satisfaçao que não levará mais de 2-3 minutos a preencher e enviar. Após o preenchimento do questionário receberão um certificado de participaçao.

Dito isto, pedia-lhes para me enviarem os diários de conversaçao, para que eu possa saber se estão ou não perto do quarto encontro (ou se os encontros se estão a realizar). Esta informaçao e, posteriormente, a do questionário é extremamente importante para a minha tese de mestrado.

Preciso mesmo de saber como andam as coisas e sem a vossa participaçao será muito difícil.

Grata pela vossa atençao.

Atenciosamente,

Belina Conceiçao

Dear participants,

I'm sorry if I'm bothering you, but I really need some feedback from you about your meetings... as you read on the website <http://sitalkadmi.wix.com/sitalk>, the meetings take place during 4 to 6 weeks and, in the end of each conversation, you have to fill in the "Conversation Diary". I must say that you don't need to be very descriptive when filling it in, you just need to refer to something you have learnt that you think it is important and/or any other thing you consider relevant. This diary, must be sent to this email by the end of each conversation (or the following day) so that I have some feedback. When you reach the fourth week, you'll be sent a satisfaction survey which won't take more than 2-3 minutes to answer. After answering and sending the survey, you will receive your participation certificate.

That said, I'm asking you to send me the conversation diaries, so that I know if you are or not close to the fourth meeting (or if you are really meeting). This information and then the one of the survey is vital for my master thesis.

I really need to know how things are and without your participation it is very difficult.

Thank you for your attention.

All the best,

Belina Conceiçao

Anexo 11 – Texto de emails enviados aos pares lembrando a importância de darem *feedback*

Caros participantes,

Queria apenas lembrar que me devem enviar algum *feedback* das vossas conversações... Por favor!! Muito ou pouco... o que tiverem.

Muito obrigada,

Belina Conceição

Dear all,

I just want to remind you that you should send me some feedback of your conversations... please!! With more or less information... send me what you have.

Thank you very much

Belina Conceição

Caros participantes,

Continuo sem receber o **diário de conversação, essencial para este projeto, pois fará parte da minha tese de Mestrado**... por favor enviem-me logo que possível. É muito simples e não leva mais que três minutos a preencher.

Grata pela atenção,

Belina Conceição

Dear participants,

I haven't received any **Conversation Diary** so far. **It is essential for this project, since it is parte of my Master Thesis**. Please send it to me as soon as possible- It's very simple and it won't take more than three minutes to fill in.

Thank you for the attention,

Belina Conceição

Anexo 12 – Questionário enviado aos participantes para avaliação do projeto


Caixa de entrada - sitalk... x Questionário de satisfaçã: x

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc_kP5OG_7TftkUAJLnnLhJpHf5oXLCv4p8xRSrTXyTAQU8A/viewform

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

Questionário de satisfação / Satisfaction survey

*Obrigatório



Qual é o seu nome? What is your name? *

Esta informação serve apenas para um melhor controlo do questionário e não será fornecida a terceiros. This information is just to control the surveys and will not be given to others.

A sua resposta _____

Caixa de entrada - sitalk... x Questionário de satisfaçã: x

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc_kP5OG_7TftkUAJLnnLhJpHf5oXLCv4p8xRSrTXyTAQU8A/viewform

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

Quantos encontros tiveram? / How many meetings did you have? *

1

2

3

4

Nenhum

Como decorreram os encontros? How did the meetings happen? *

Cara a cara / Face to face

Via Facebook

Via Skype

Outra / Other

Caixa de entrada - sitalk... x Questionário de satisfaçã... x

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc_kP5OG_7TftkUAJLnnLhJpHfF5oXLCv4p8xRSrTXyTAQU8A/viewform

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe: Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

Quantas horas por semana se encontraram? How long did you meet per week? *

Menos de 2 horas / Less than 2 hours

2 horas/hours

3 horas/hours

4 horas/hours

Mais que 4 horas / More than 4 hours

Faça um comentário sobre duração do projeto (4 semanas). Foi muito extenso/curto? / Comment on the length of the project (4 weeks). Was it too much/little? *

A sua resposta

O que aprendeu durante as sessões de intercâmbio (considere língua, cultura e qualquer outra área)? What did you learn during the exchange sessions (consider language, culture and any other areas)? *

A sua resposta

Caixa de entrada - sitalk... x Questionário de satisfaçã... x

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc_kP5OG_7TftkUAJLnnLhJpHfF5oXLCv4p8xRSrTXyTAQU8A/viewform

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe: Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores

Quão útil é este tipo de aprendizagem em relação aos outros (por exemplo, sala de aula, e-learning...)? / How useful is this kind of learning as compared to others (e.g. classroom, e-learning...)? *

A sua resposta

Recomendaria este projeto a algum amigo? / Would you recommend this project to a friend? *

Sim

Não

Talvez

Caixa de entrada - sitalk... x Questionário de satisfaçã... x

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc_kP5OG_7TftkUAJLnnLhJpHfF5oXLCv4p8xRSrTXyTAQU8A/viewform

Aplicações (8) Facebook Iniciar Sessão http://m.edreams.pt/ DGE - Quadro Europe: Página inicial4 Universidade do Minho https://sigrhe.dgae.m 1º Ciclo >> Outros marcadores


O que gostou mais/menos no projeto? / What did you like most/least about the project? *

A sua resposta

Como poderia o projeto ser melhorado? / How could the project be improved? *

A sua resposta

Muito obrigada pela sua colaboração. Thank you for your collaboration.

SUBMETER  Página 1 de 1

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Anexo 13 – Texto de email lembrando o questionário

Caros participantes,

Pedia-lhes para responderem ao questionário o quanto antes... por favor. Mais uma vez lembro que me enviem o diário de conversação, caso tenham tido algum encontro e não mo tenham enviado.

Mesmo que não tenham tido algum encontro, respondam ao questionário referindo a razão pela qual não realizaram esses encontros.

Por favor, isto é muito importante para a minha tese e não perderão muito tempo.

Obrigada pela atenção e colaboração,

Belina Conceição

Dear all,

I'm asking you to answer the survey as soon as possible... please! Once again, I have to remind you to send me the Conversation Diary, if had had any meeting and didn't send it to me.

Even if you didn't have any meeting, answer the survey referring the reason why they didn't happen.

Please, this is very important for my master thesis and you won't lose much time...
Thank you very much for the attention and collaboration.

Belina Conceição
